



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

AMANDA DE OLIVEIRA MACHADO MARIANO

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Brasília - DF
2016**

AMANDA DE OLIVEIRA MACHADO MARIANO

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como requisito para a obtenção da graduação no curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação localizada na Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Otília Maria A.N.A. Dantas

Brasília - DF
2016

AMANDA DE OLIVEIRA MACHADO MARIANO

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia submetida como requisito para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação - FE, da Universidade de Brasília, em _____, apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^a Dr.^a Otília Maria A.N.A. Dantas, UnB/FE
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Emília Gonzaga de Sousa, UnB/FE
Examinadora

Prof. Dr. José Villar Mella, UnB/FE
Examinador

Prof. Ms. Marcos Paulo Barbosa, GEPAL/GEPPESP/UnB
Examinador suplente

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. À professora Otilia Dantas pela paciência, orientação e incentivo. E à minha família e amigos, que sempre estiveram ao meu lado apoiando no que fosse necessário.

AGRADECIMENTOS

A vida é uma sequência de términos e começos. Todo fim representa um recomeço. É um ciclo que se encerra para dar início a tantos outros. Com a sensação de dever cumprido, novos caminhos se abrem para um futuro que refletirá todo o esforço empenhado na jornada de tornar-se pedagoga. Agradecer é admitir e reconhecer que mesmo que as nossas conquistas dependam de nós, jamais pode-se lograr para si o dom de ser autossuficiente. Sendo assim agradeço imensamente a Deus, que com vossa imensa bondade, me foi permitido usufruir dessa valiosa vitória; Aos meus pais, Daniela e Marcelo, por me apoiarem e compartilharem essa etapa comigo desde o princípio; A minha amada vó Edite que sempre representou para mim um exemplo a ser seguido de força e bondade; Aos meus avós Paulo, Luís e Lourdes que sempre me acompanharam com olhos de amor e admiração; A toda minha família e amigos que jamais me deixaram desanimar durante este árduo, porém compensador trajeto; Aos mestres que representam a ponte pela qual atravessamos em direção ao conhecimento. A cada um de vocês que acreditaram nessa conquista, meu muito obrigado.

RESUMO

O interesse em investigar “a afetividade na educação infantil” suscitou de estudos realizados quando cursei as Disciplinas Projeto 3 e Projeto 4. Esta última referente aos estágios supervisionados desenvolvidos durante minha formação neste curso fazendo, assim, com que analisasse o quanto essa categoria é essencial para a formação das crianças. O estudo tem como finalidade refletir sobre a importância da afetividade para a formação da criança da Educação Infantil. A metodologia empregada neste estudo pautou na pesquisa qualitativa a partir da observação participante, de entrevista (com professores e alunos) e pesquisa bibliográfica. A pesquisa ocorreu numa escola privada de Brasília durante o ano de 2015. Ali se vivenciou o estágio (Projeto 4 - fases 1 e 2) onde coletou-se dados diversos no intuito de conhecer um pouco do cotidiano daquele ambiente e atender ao objetivo da pesquisa. As observações participantes focalizaram o desempenho das crianças no ambiente escolar em nível de Educação Infantil, registrando-se através de “Diário de Bordo”, todas as observações e práticas desenvolvidas durante o período. A fundamentação teórica foi baseada em alguns teóricos tais como Piaget (2004); Vigotski (2008); La Taille (1992); Oliveira (2001), Silva (2002), dentre outros. Os resultados e conclusões apontam que o afeto está sempre presente na relação entre professor e alunos, alunos e alunos. E as práticas pedagógicas, de base construtivista, têm sido permeadas de afeto possibilitando, pela ludicidade, aprender brincando e numa relação de afeto pautada pelo respeito e valorização do outro. Portanto entendemos que o afeto se configura como o ato sensível do processo educativo, seja no ambiente escolar ou não escolar.

Palavras chave: Afetividade. Educação Infantil. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

[Office1] Comentário: Colocar o resumo em inglês.

The interest in investigating "affectivity in early childhood education" raised studies when I attended the Disciplines Project 3 and Project 4. The latter refers to the supervised training developed during my training in this course doing so, with to analyze how this category is essential for the formation of children. The study aims to reflect on the importance of affection for the education of children of early childhood education. The methodology used in this study was guided in qualitative research from participant observation, interview (with teachers and students) and literature. The research took place at a private school in Brasilia during the year 2015. There he experienced the stage (Project 4 - phases 1 and 2) which is collected various data in order to know a little everyday that environment and meet the objective of the research . Participating observations focused on the performance of children at school level of Early Childhood Education, registering through "Diary", all observations and practices developed during the period. The theoretical framework was based on some theorists such as Piaget (2004); Vigotski (2008); La Taille (1992); Oliveira (2001), Silva (2002), among others. The results show that affection is always present in the relationship between teacher and students, students and students. And the pedagogical practices of constructivist basis have been permeated with affection mediated playfulness with learning and playing a love relationship based on respect and appreciation of the other. Therefore, we believe that the affection is configured as the sensible act of educational work, whether in school or non-school environment.

Keywords: Affectivity. Child education. Teaching. Learning

SUMARIO

Introdução.....	8
Parte I – Memorial Formativo.....	10
1 A Importância do Afeto em Minha Formação.....	11
Parte II – Monografia.....	16
2 Afetividade Educação Infantil.....	17
2.1 Sobre o Afeto.....	17
2.2 Sobre a Educação Infantil.....	21
2.3 Sobre o Ensinar e o Aprender na Educação Infantil.....	22
3 Metodologia.....	25
4 A Empíria.....	28
4.1 Experiência Pedagógica com Crianças Frequentadora de um Ambiente não Escolarizada.....	28
4.1.1 Composição das Turmas.....	33
4.1.2 Observação de Aulas.....	34
4.1.3 O Uso Didático do Material.....	37
4.2 Experiência Pedagógica com Crianças Frequentadora de Ambiente Escolar.....	41
5 Considerações Finais.....	52
5.1 Perspectivas Profissionais.....	52
Referencias Bibliográficas.....	54

INTRODUÇÃO

A afetividade e Educação Infantil tem sido bastante considerada por ajudar as crianças a se sentirem acolhidas, seguras e amadas por todos naquele ambiente, aparentemente, estranho. Esse acolhimento tende a desenvolver nestes infantes os aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Diante deste argumento, levantamos o seguinte questionamento: qual o valor do afeto para a formação da criança da Educação Infantil?

A afetividade é a categoria-base deste estudo, considerando as reflexões de alguns estudiosos como Piaget (2014), Waloon (1981, 1986, 2007), Vigotiski (1996; 2007), dentre outros. A pesquisa, de modo geral, proporcionou a reflexão sobre a afetividade como aspecto fundamental para a consolidação dos processos de ensinar e aprender.

O interesse em pesquisar este tema suscitou de estudos realizados quando cursei as Disciplinas Projeto 3 e Projeto 4. Esta última referente aos estágios supervisionados desenvolvidos durante minha formação neste curso fazendo, assim, com que analisasse o quanto essa categoria é essencial para a formação das crianças.

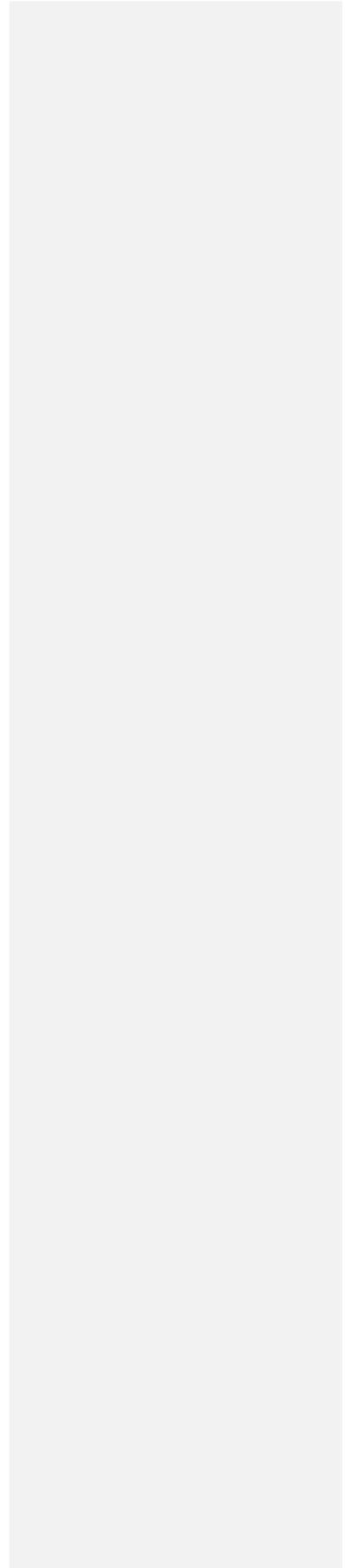
O estudo apresenta como *objetivo geral* refletir sobre a importância da afetividade para a formação da criança da Educação Infantil. Os *objetivos específicos* se propõem: i. Sistematizar uma base teórica sobre os conceitos de afetividade e Educação Infantil; ii. Contextualizar a prática pedagógica do ambiente escolar investigados; Destacar, nestas práticas docentes momentos propícios à afetividade.

A metodologia empregada neste estudo pautou na pesquisa qualitativa a partir da observação participante, de entrevista (com professores e alunos) e pesquisa bibliográfica. A pesquisa ocorreu numa escola privada de Brasília durante o ano de 2015. Ali se vivenciou o estágio (Projeto 4 - fases 1 e 2) onde coletou-se dados diversos no intuito de conhecer um pouco do cotidiano daquele ambiente e atender ao objetivo da pesquisa. As observações participantes focalizaram o desempenho das crianças no ambiente escolar em nível de Educação Infantil, registrando-se através de “Diário de Bordo”, todas as observações e práticas desenvolvidas durante o período.

Assim, o trabalho está organizado em duas partes: a primeira refere-se ao Memorial formativo, o primeiro capítulo onde destaco aspectos referentes ao meu objeto de estudo, a afetividade. A segunda parte, da Monografia, está constituída de três capítulos: A fundamentação teórica onde teorizo sobre as principais categorias de estudo: afetividade e educação infantil. Na metodologia abordo minuciosamente o que fazer da pesquisa, o

território, os sujeitos pesquisados, os instrumentos utilizados e delimito algumas decisões tomadas no intuito de validá-la. Por fim, as considerações finais e perspectivas profissionais delinearão a síntese de todo o estudo no intuito de responder ao objetivo geral e aos específicos. Espera-se, enfim, que este trabalho contribua para os interessados nas temáticas sobre afetividade e a Educação Infantil.

PARTE I - MEMORIAL FORMATIVO



1 A IMPORTÂNCIA DO AFETO EM MINHA FORMAÇÃO

Sou Amanda de Oliveira Machado Mariano, nasci em 18 de agosto de 1995, na cidade de Brasília. Sou filha única e resido em Águas Claras. Quando nasci minha mãe, que trabalhava em uma loja no shopping, e meu pai técnico de informática, alugaram uma quitinete em sobradinho, onde moramos até conseguirem comprar um apartamento em um condomínio militar, Residencial Santos Dumont, próximo a Santa Maria. Era um lugar calmo.

Sempre tive muitos amigos, uma babá muito amorosa e avós paternos que eram nossos vizinhos e cuidaram de mim. Quando fiz oito anos nos mudamos para Águas Claras, onde moravam meus avós maternos. Morei com meus pais até os meus 18 anos, sendo estes pais muito novos, algumas adversidades advindas da convivência nos distanciaram um pouco no decorrer desses anos. Quando fiz 19 anos optei por morar com meus avós maternos, onde me encontro atualmente.

Minha avó, professora aposentada e a melhor pessoa que já conheci, é um para mim um verdadeiro exemplo. Meu avô, servidor público aposentado do Ministério da Fazenda, é extremamente atencioso e carinhoso. Ambos refletem para mim o exemplo de família e amor. Moram conosco também, minha tia e minha prima, a irmã que eu não tive. Meus pais moram na quadra ao lado. Vivemos todos com muita harmonia e carinho.

Durante a Educação infantil frequentei a escolinha “Sítio Encantado” no Residencial Santos Dumont onde cursei a Educação Infantil. Tenho memórias fragmentadas em relação a essa época. Lembro-me de gostar muito de frequentar a escola e de uma professora chamada Cida. Gostava muito dela por ser muito afetuosa. Aquela professora me animava a frequentar a escola por causa de todo o carinho recebido por ela, mas havia uma colega que não gostava muito de mim e me beliscava por toda a aula, tinha muito medo dessa colega. A professora sempre me salvava das garras dessa criatura.

Na mesma escola lembro de ter um grande amigo, que somente anos depois minha mãe explicou que ele possuía Síndrome de Down. Gostava muito dele e sempre procurei ajudá-lo. Sempre fui muito comunicativa desde criança, amava e amo conversar e talvez seja por isso que durante o Jardim uma professora colou fita durex na minha boca. Lembro-me de meus pais ficarem furiosos com a escola, mas nos meus pensamentos não entendia aquela raiva, tinha visto tudo como uma brincadeira e gostava daquela professora, que apesar da brincadeira inadequada, era muito carinhosa com todas as crianças.

A professora de inglês me dava medo por gritar muito e colocar as crianças de castigo olhando para a parede. Talvez esse tenha sido o fato mais marcante dessa época. Sem saber o porquê, considerava o dia de quinta-feira assustador por ser aula de Inglês com aquela professora. O medo era tamanho que cheguei a me trancar na varanda de casa e gritar por socorro pela janela atraindo policiais e bombeiros até o meu prédio, tudo porque a babá disse que naquela quinta-feira eu não poderia faltar à escola. Lembro que depois desse fato a diretora e a professora foram lá em casa conversar comigo e meus pais. A professora até levou um ovo de páscoa, mas não quis nem ficar perto dela.

Talvez por me recordar de fatos tão ligados ao modo como as professoras conduziam o tratamento com os alunos, sempre achei de extrema importância, especialmente na educação infantil, "a presença do afeto na relação professor aluno". A falta deste pode acabar prejudicando o processo de ensino aprendizagem dos educandos causando-lhes desinteresse, falta de confiança em si mesmo e nos outros, além de gerar medo e pânico a ponto de ocorrer um alto índice de ausências.

Cursei os dois primeiros anos do Ensino Fundamental na escola "Meu Primeiro Mundo do Saber", também localizada no Residencial Santos Dumont. Nessa época descobri o meu interesse pelo afeto por crianças menores e pelas aulas de Educação Infantil. Pedia para ir ao banheiro e ficava por vários minutos observando as aulas das crianças menores. Por esse motivo acabei por fazer amizade com todas as professoras de Educação Infantil da escola, que percebendo meu interesse, por vezes me chamavam para ajudar nas salas durante os intervalos.

A professora da primeira série era muito calma, compreensiva e carinhosa, sempre elogiava os meus trabalhos e a minha letra que ficara bem redonda, depois de anos de caligrafia. Lembro-me de ter conquistado muitos amigos queridos, dos quais tive que me despedir no fim da segunda série quando me mudei para Águas Claras.

Em Águas Claras descobri que a escola mais perto de casa era o La Salle. Quando fomos visitar a escola fiquei encantada porque era grande, tinha muitos parquinhos, quadras, área verde e até uma fazendinha. Advinda de uma escola menor, foi incrível a possibilidade de estudar em uma escola com aquela estrutura. Ali concluí o Ensino Fundamental, e depois retornei no terceiro ano do Ensino Médio.

É uma escola católica que dá ênfase a formação humana. Tenho um carinho imenso por essa escola, pois foi onde se consolidaram em mim valores, princípios importantes e conquistei meus melhores amigos. Participei do grupo de jovens da escola por anos e cheguei

até a assumir a pastoral infantil na sétima série me proporcionando um sólido vínculo de amizade.

Tenho poucas memórias do terceiro e quarto anos. Recordo-me das excelentes professoras, uma delas considero ter sido uma verdadeira segunda mãe me orientando na minha dificuldade de adaptação, por sofrer bullying de um grupo de alunos que já estudavam na escola no ano anterior.

A mudança da quarta série para a quinta foi um verdadeiro choque. Muitas matérias, muitos professores, novas responsabilidades. Foi o ano em que recebi as notas mais baixas. Um susto para uma criança que até então nota dez. A primeira prova que tirei zero foi de Ciências. Simplesmente não havia acertado nenhuma questão da prova e criei certo bloqueio com a disciplina. Chorava quando tinha prova ou algum exercício avaliativo. Percebendo meu desespero, a professora me procurou, inicialmente achei que para me repreender, mas foi para me acalmar. Conversou comigo por todo o intervalo, contando de forma muito carinhosa as suas próprias dificuldades quando era mais nova, e se comprometeu a me ajudar a superar este medo. Disse para ela que eu não sabia estudar, mas com a sua ajuda me encaixei em um método de estudo que utilizo até hoje: leitura e escrita dos pontos principais. Resumos dos conteúdos, que me ajudam a fixar melhor.

Durante a quinta série tive um professor de História muito engraçado e nunca me esqueço de como se vestia e falava para interpretar os acontecimentos da Civilização Egípcia. Na sexta série lembro-me de um filme que assisti na aula de História que apresentava a imagem que os portugueses tinham do Brasil, com plantas e animais exóticos, incluindo uma borboleta gigante, que me traumatizou e foi protagonista de muitos pesadelos durante minha infância e adolescência.

Nos últimos anos do meu Ensino Fundamental tive aulas com os mesmos professores. Porém no fim do sétimo ano tivemos que nos despedir do nosso professor de Matemática, até então, conselheiro da turma. Ele era extremamente afetuoso com a turma, sempre apoiando, incentivando e até trabalhando em períodos contrários as aulas para tirar nossas dúvidas. Foi muito difícil pra mim, por ter dificuldade na matéria e por ele me ajudar muito nisso. A turma inteira teve dificuldade em aceitar um novo professor, especialmente porque o professor era estúpido com toda a turma. Lembro-me de um dia, durante a aula, dizer que não havia entendido o conteúdo e ele simplesmente responder “se você não entendeu isso que é fácilimo minha filha, se joga da janela”. Aquilo me deixou profundamente magoada e perdi o gosto pela Matemática. O rendimento da turma caiu no geral. Muitos alunos acabaram ficando em

recuperação, inclusive eu. Desde então apresento extrema dificuldade com qualquer conteúdo que envolva cálculos.

Na oitava série recebemos uma nova professora de História. Ela era excelente, realmente vivia aquilo que explicava, era muito ativa na sala, corria, gritava e brincava para compreendermos o que explicava. Lembro-me de na Feira Cultural, cujo tema era Revolução Industrial, construirmos juntos uma máquina de sorvete. Desde então me encantei pela disciplina.

Tive uma relação muito estreita com todos os professores durante o Ensino Fundamental, pois estudava muito, gostava de aprender, de ir pra escola e de tirar boas notas. Mas na minha turma éramos quase todos assim. Em consequência desta atitude acabei ganhando o famoso apelido de “nerd”.

Apesar de amar a escola La Salle, os professores e os amigos, com toda a pressão de passar no vestibular, mudei de escola e fui estudar no ALUB em Taguatinga, onde fiquei durante o primeiro e segundo anos do Ensino Médio. Foram dois anos de estudos intensos e, muitas vezes, fui criticada por amigos e familiares por estudar tanto. Durante esse tempo tive professores excelentes, todos formados na UnB e com uma bagagem imensa para nos transmitir. Deixei de lado o apego com a História para me encantar com Literatura e Biologia. A professora de Literatura era muito boa. Em todas as aulas se fantasiava e encenava as obras literárias que cairiam no vestibular. Fizemos peças com ela, paródias, tudo para facilitar a nossa aprendizagem.

Quando voltei para o La Salle no terceiro ano descobri que odiava Literatura, o que me fazia gostar realmente eram as aulas dessa professora. Quanto a professora de Biologia me impressionava o seu conhecimento sobre aqueles nomes das plantas briófitas e angiospermas. A aula dela prendia a atenção de todos da turma e dentro de mim sonhava em ser um dia, uma professora igual a ela.

O ALUB acrescentou muito em minha formação acadêmica, mas meu coração pertencia ao La Salle. Então no terceiro ano decidi voltar para o La Salle. Reencontrei vários professores, coordenadores e amigos antigos. Mas me deparei com um professor que não conhecia. Era professor de Geografia e confesso que era muito inteligente. Mas logo na primeira semana tivemos uma divergência. Ele gostava que os alunos apenas o ouvissem enquanto explicava. Como tinha aprendido a estudar copiando tudo o que ouvia ou mostrado nos slides, ele não aceitava que eu fizesse isso. Discutimos por várias vezes e não nos entendíamos. Achava estranho porque ele era muito afetuoso e brincalhão com os outros alunos, mas extremamente ríspido comigo.

Durante o ano inteiro tivemos problemas e passei a detestar Geografia a ponto de gostar quando ele me tirava da sala durante as aulas. No fim do ano letivo ele me chamou para conversar e pediu desculpas por tudo e que apenas me cobrava porque sabia do meu potencial. Porém respondi que a rispidez e cobrança tiveram efeito negativo, pois detestava a matéria dele e mesmo assim tinha que estudá-la em casa por ser disciplina exigida no vestibular.

Foi um ano de muita pressão, até mesmo meus pais, que nunca me cobravam em relação aos estudos, exigiam uma aprovação na Universidade de Brasília. No decorrer desse ano fiz vários testes vocacionais e todos os resultados me direcionavam para a área das Ciências Humanas. Cresci escutando que faria Direito, que seria promotora de justiça. Mas desde o primeiro ano eu já sabia o que queria ser: professora. Tinha em mente como faria e como agiria com os meus alunos de forma que estivessem sempre atentos, para que gostassem de estudar o que eu transmitiria, mal esperava a hora em que teria minha sala, minha turma e meus alunos, aos quais jamais teria um tratamento grosseiro ou incompreensivo.

No dia da inscrição do vestibular marquei Pedagogia, e quando fui aprovada, foi uma alegria imensa. Tive o apoio de algumas pessoas da família, outras me criticaram e diziam ser um desperdício do meu estudo ter optado por esse curso. Mas não me imagino em outra profissão. Sou apaixonada pela educação, pelo ensino, pelo ambiente escolar, pela infância.

E apesar dos obstáculos que a classe docente enfrenta em nosso país, acredito em mudanças perante a um trabalho feito, não somente com amor, mas com dedicação, empenho e esforço, sempre lutando pela valorização de um trabalho tão digno e fundamental para o desenvolvimento da nossa sociedade.

Como se percebe, a todo o momento neste memorial, abordei sobre a afetividade na relação entre professor e aluno e o quanto esta relação é fundamental para a formação de sentido dos processos de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, para a educação integral do ser. Na segunda parte deste Trabalho de Conclusão de Curso continuarei abordando sobre este tema, demonstrando, cientificamente, a importância deste relacionamento. Portanto, convido-os a continuar comigo esta caminhada.

PARTE II – MONOGRAFIA



2 AFETIVIDADE EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo destina-se a delinear os principais conceitos tratados neste estudo no intuito de delimitar o campo teórico deste trabalho a saber: afetividade, Educação Infantil, ensino e aprendizagem.

O afeto tem a função de organizar e sustentar as atividades psíquicas e é indispensável e indissociável das atividades humanas. Entretanto, na sociedade atual, nem sempre concedeu ao afeto e às emoções sua real importância. O que se apresenta é uma forte marginalização do afeto na sala de aula gerando distanciamento entre o professor e o aluno. De acordo com Oliveira (2001, p.17), uma cisão perdura até hoje entre afeto e cognição. Considerando que esta dicotomia sempre foi alvo de discussões, ao longo da história coube a emoção o segundo plano em detrimento da racionalidade, uma vez que é fundamental racionalizar os sentimentos neutralizando-os para não interferir e atrapalhar as ações e o pensamento.

2.1 SOBRE O AFETO

Etimologicamente, a palavra afeto tem origem latina *affectus*, que significa estado psíquico ou moral (bom ou mau), afeição, disposição de alma, estado físico, sentimento, vontade. Historicamente, este termo tem sido abordado desde a Grécia Antiga. Entre os filósofos postulava-se sobre a dicotomia entre razão e emoção. Segundo Silva (2002), para Platão a liberação de prazeres, paixões e valores individuais pelo pensamento são considerados um valor universal e ligado a imutabilidade das formas eternas. Descartes, no século XVII, sugeriu a separação entre razão e emoção. No século XVIII Kant (1960) nos advertiu sobre a impossibilidade entre razão e felicidade, pois o homem de razão encontra-se afastado do contentamento. Para ele as paixões são enfermidades da alma. Em pleno século XXI, algumas dessas premissas permanecem vivas, tais como: “não aja com o coração”, “coloque a cabeça para funcionar”, “não seja infantil”.

De acordo com Silva (2002), no âmbito da ciência, o afeto foi inicialmente estudado pela Psicologia. Buscava-se entender, separadamente, os processos cognitivos e afetivos, pois se acreditava que este último proporcionava uma visão superficial e distorcida da realidade. Os comportamentalistas, ao centrarem seus estudos no comportamento humano exógeno, relegam as emoções a um segundo plano, enquanto os cognitivistas buscam compreender o raciocínio humano em sua dimensão cognitiva e afetiva. Mas, o que a escola de Vigotski tem

a nos dizer sobre a afetividade? E o que outros teóricos como Greenberg, Rice e Eliot (1996) tem a contribuir com esta relação? Vamos por parte.

Piaget (2014), da escola cognitivista, nos adverte sobre o fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. Para Piaget, não existe estados afetivos sem elementos cognitivos, quiçá comportamentos puramente cognitivos. Mesmo nos processos de adaptação (assimilação-acomodação), Piaget considera que há nesta relação afetividade, ou seja, o interesse em assimilar o objeto ao *self* (o aspecto cognitivo é a compreensão), enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno). Portanto, seu interesse pela afetividade refere-se a sua funcionalidade para a inteligência, pois existe uma relação intrínseca entre a afetividade e a cognição capaz de mobilizar as estruturas mentais. Ou seja, serve de impulso à cognição que organiza o funcionamento mental (SILVA, 2002).

Segundo Piaget citado por Souza (2003), afetividade e inteligência são diferentes em natureza, mas estão indissociadas e integradas no desenvolvimento psicológico, não sendo possível ter-se uma psicologia ou uma conduta exclusiva, afetiva ou cognitiva, para explicar os comportamentos. O dualismo afetividade/Razão é fácil de ser compreendido quando os dois termos são entendidos como complementares. A afetividade é a energia, o que move a ação, enquanto a Razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados e obter êxito nas ações (LA TAILLE 1992, p. 65). Dessa forma, para Piaget afetividade e Razão se conjugam em harmonia, colocando-se lado a lado em todas as condutas. Para Piaget a afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o. Porém, a afetividade não modifica as estruturas da inteligência, sendo apenas o elemento energético das condutas.

Há um elemento que Piaget (2014) agrega na relação afetividade e cognição – os valores. Para ele os valores surgem da troca afetiva que o sujeito realiza com o mundo exterior, seja objetos ou pessoas. O resultado desta relação ele denomina de intelectualização dos sentimentos, cognitivamente organizados, gerando um sistema de valores próprio do sujeito.

Greenberg (GREENBERG; RICE; ELIOT, 1996) é outro teórico que aborda sobre o afeto. Ele apresenta uma concepção um pouco diferente da relação entre cognição e emoção. Para ele há uma síntese complexa fundindo estas categorias: afeto, cognição, motivação e ação. Enquanto a emoção sinaliza a respeito do que está afetando e estabelece a meta para que

se possa alcançá-la, a cognição ajuda a dar sentido à experiência, assim como a razão ajuda a imaginar o melhor modo de se alcançar a meta. Em outras palavras, o afetivo estabelece os problemas para que o cognitivo os resolva.

Vigotski (2008) também abordou sobre as relações entre afeto e cognição. Para ele as emoções integram-se ao funcionamento mental, tendo uma participação importante. Até aqui não encontramos diferenças entre Piaget e Vigotski. Entretanto, o momento de ruptura entre eles ocorre quanto este agrega a linguagem – sistema simbólico básico de todos os grupos humanos – a relação afeto e cognição. Ele categoriza a linguagem como produto e expressão da cultura, pois fornece os conceitos e as formas de organização do real. É pela linguagem que o sujeito compreende o mundo, se posiciona diante dele e se relaciona com ele e consigo mesmo, como destaca Oliveira (2001). Para Vigotski (2008) nossa forma de pensar inclui nossos sentimentos expressos pela linguagem, seja oral ou não oral (desenho, postura, etc.).

Assim como Piaget, Vigotski buscou elaborar uma nova perspectiva que tratasse de outro modo as relações entre mente e corpo, e entre cognição e afeto buscando superar a tradicional fragmentação e reunir esses diferentes aspectos, com o objetivo de compreender o ser psicológico (OLIVEIRA, 2001). Desse modo, para Vigotski as dimensões do afeto e da cognição estariam desde cedo, intimamente relacionadas, de forma que a vida emocional esteja conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral.

Segundo Vigotski uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetiva, criticando a tendência predominante na época de se buscar explicações mecanicistas para a emoção. Em sua perspectiva histórico-cultural, Vigotski propõe que o sujeito é produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos (constituídos na história anterior do sujeito) e externos (referentes às situações sociais de desenvolvimento em que o sujeito está envolvido).

De acordo com Vigotski os adultos possuem uma vida emocional superior enquanto as crianças possuem emoções inferiores, fazendo uma distinção entre emoções primitivas originais, como a alegria, o medo e a raiva e as emoções superiores complexas, como o despeito e a melancolia. (VAN DER VEER; VALSINER, 1996). Para Vigotski a qualidade das emoções sofre mudanças à medida que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem. Dessa forma emoções primitivas originais poderiam desenvolver-se em emoções superiores mais sofisticadas (OLIVEIRA, 2001, p. 20). Para Vigotski nas emoções primitivas a raiz é instintiva, biológica, comportamentos que surgem do instinto de auto conservação. No decorrer do desenvolvimento as emoções vão se

transformando, se afastando dessa origem biológica e se constituindo como fenômeno histórico e cultural. A razão para Vigotski tem o papel de controle dos impulsos no homem cultural adulto, estando a serviço da vida afetiva, na medida em que é um instrumento de elaboração e refinamento dos sentimentos. (OLIVEIRA, 2001, p. 22)

Segundo Vigotski a forma de pensar, que junto com o sistema de conceitos nos é imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também os nossos sentimentos, sendo estes elementos históricos que se alteram em meios ideológicos e distintos. Assim, a gênese da vida afetiva social é mediada pelos significados construídos no contexto cultural em que o sujeito se insere. De acordo com Oliveira (2001, p. 23):

O ser humano aprende por meio do legado de sua cultura e da interação com outros humanos, a agir, a pensar, a falar e também a sentir [...] nesse sentido o longo aprendizado sobre emoções e afetos se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda sua existência.

Com o papel primordial da linguagem e a importância da interação social para o desenvolvimento pleno dos indivíduos, os seres humanos operam com base em conceitos culturalmente construídos que constituem, representam e expressam não só seus pensamentos, mas também suas emoções. (OLIVEIRA, 2001, p. 25).

Vigotski considerava que a qualidade das emoções sofre transformações conforme o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem. Dessa forma, segundo Oliveira (2001) as ferramentas culturais internalizadas constituem instrumentos mediadores para a metamorfose do domínio afetivo ao longo do percurso da vida do sujeito, afastando-o de sua origem biológica. Deste modo, os processos cognitivos e afetivos, os modos de pensar e sentir são carregados de conceitos, relações e práticas sociais que os constituem como sujeitos histórico-culturais. As emoções são, portanto, organizadas, concebidas e nomeadas de forma absolutamente diversa em diferentes grupos culturais, tendo em vista que a afetividade humana é construída culturalmente.

Wallon (1981, 1986, 2007), dando prosseguimento aos estudos de Vigotski, dedicou-se a este tema reconhecendo na vida orgânica as raízes da emoção criticando veementemente as teorias clássicas que concebem as emoções como reações perturbadoras, ou como atividade motora intelectual ou como reações positivas. Wallon (2007), mesmo compartilhando da ideia de que emoção e razão estão intrinsecamente conectadas atribui a afetividade um papel central na construção da consciência de si por ser um fenômeno psíquico, social e orgânico. Para Galvão (2003, p.71) Wallon tem por objeto a gênese dos processos psíquicos que constituem

a pessoa baseando-se em uma visão não fragmentada do desenvolvimento humano e buscando compreendê-lo do ponto de vista do ato motor, da afetividade e da inteligência assim como das relações que o indivíduo estabelece com o meio.

Dedicado aos primórdios da vida, Wallon (2007) afirmou que é nesse período em que as emoções tem presença dominante onde o bebê estabelece significativamente suas primeiras relações com a mãe e outras pessoas demonstrando preferência pelas pessoas em detrimento dos objetos. Incapaz de efetuar algo por si próprio, a criança é manipulada pelo outro e é nos movimentos deste outro, que suas primeiras atitudes tomarão forma. Sendo as emoções exteriorizações da afetividade em forma de manifestações essencialmente expressivas e complexas, estas permitem ao sujeito uma primeira forma de consciência de suas próprias disposições, ao mesmo tempo que, sendo visíveis do exterior, constituem-se no primeiro recurso de interação com o outro. Nestes termos, a dinâmica emocional sempre terá impacto na dinâmica cognitiva insistindo na indissociabilidade desses campos funcionais propondo que é graças à coesão social provocada pela emoção que a criança tem acesso a linguagem, instrumento fundamental da atividade intelectual.

Inteligência e afetividade estão interligadas para Wallon, pois esta depende das construções realizadas cognitivamente e vice-versa. Para Wallon (1981), o psiquismo é uma síntese entre o orgânico e o social. Nesta relação a afetividade vai se subordinando à atividade cognitiva. De acordo com a perspectiva walloniana inteligência e afetividade se constroem reciprocamente, numa complexa relação de interdependência. Para algumas crianças a aprendizagem depende da elevação da temperatura afetiva, ou seja, da intensificação de um vínculo afetivo entre professor e aluno.

2.2 SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, como destaca a LDB 9394/96 (BRASIL, 1996). Segundo esta lei, a Educação Infantil é de responsabilidade dos municípios e facultativa para as famílias.

Os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (RCNEI) é o que define este nível de ensino contemplando a alimentação, a limpeza e o lazer (brincar). Também é seu papel EDUCAR, sempre respeitando o caráter lúdico das atividades, com ênfase no

desenvolvimento integral da criança (BRASIL, 1998).

Os RCNEI (BRASIL, 1998) estão propostos para serem trabalhados com as crianças em seis eixos: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Deve-se desenvolver nas crianças algumas capacidades, como: ampliar relações sociais na interação com outras crianças e adultos, conhecer seu próprio corpo, brincar e se expressar das mais variadas formas, utilizar diferentes linguagens para se comunicar, entre outros. Cabe ainda a Educação Infantil estimular as diferentes áreas de desenvolvimento da criança e aguçar sua curiosidade para que permaneça feliz no espaço escolar. A escola de Educação Infantil, segundo os RCNEI (BRASIL, 1998) deve ter fraldário, lactário, salas de aula com espaço físico de 2 m² por criança e duas cozinhas, uma para as crianças de 0 a 3 anos e outra para crianças de 4 e 5 anos.

2.3 SOBRE O ENSINAR E O APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Piaget (2014), a etapa dos dois aos seis anos é uma das fases mais importantes do desenvolvimento humano, pois nela ocorrem inovações radicais na inteligência. É também nessa etapa que as crianças constroem os padrões de aprendizagem formais que utilizarão durante toda a sua vida acadêmica. Aprender, logo, passa a ser o ponto crucial do processo. A partir dos três ou quatro anos, de uma maneira geral, as crianças podem se beneficiar mais com as experiências enriquecedoras oferecidas na escola do que exclusivamente as oferecidas em casa. Sobretudo, a interação com outras crianças e adultos que lhes propõem atividades apropriadas ao seu nível pode significar uma ajuda extraordinária no desenvolvimento de suas capacidades. Trazer o mundo para dentro da escola e fazer a criança se interessar pelo conhecimento é a principal meta da Educação Infantil.

Durante os cinco primeiros anos de vida, as crianças aprendem o padrão básico do discurso que usarão no decorrer de suas vidas; absorvem naturalmente a linguagem, ouvindo e utilizando a do adulto como referência. Todavia, não é ouvindo e repetindo palavras que as crianças serão capazes de construir a linguagem. É principalmente pelo significado, pelas aproximações com a realidade e pela disposição para procurar evidências que as levem a mudanças de hipóteses que são capazes de compreender o mundo e agir sobre ele. A linguagem é a chave do desenvolvimento intelectual e possibilita ao indivíduo expressar seus sentimentos e seus pensamentos.

À medida que as crianças começam a adquirir as habilidades de raciocínio verbal, elas

necessitam de mediação pedagógica, ou seja, uma aprendizagem mediada por um adulto, que faz com que elas reflitam sobre o próprio pensamento. Neste sentido, a Educação Infantil possibilita que as crianças aprendam a refletir sobre seus modelos mentais, a trabalhar em equipe e a construir visões compartilhadas com outros lhes permitindo se apropriarem de ferramentas básicas para se comunicar e seguir aprendendo.

No cenário pedagógico o professor que se utiliza do afeto e do carinho pode atrair o interesse do aluno para a aprendizagem, deixando assim de lado aquele autoritarismo pedagógico, que desconsidera o lado afetivo e emocional da criança. Dessa forma o professor deve procurar saber mediar a afetividade na sala de aula. O afeto não é algo quantificável, mas é visível quando é demais e quando está faltando. Além disso, o afeto cria um espaço de descontração e naturalidade, onde a criança se sente mais segura e livre para realizar suas atividades.

Pensando nisso, entende-se que na educação infantil o afeto é completamente indispensável. No período que compreende idades de 2 a 5 anos a criança está em processo de formação e amadurecimento, fatores que não serão alcançados de forma efetiva caso a criança não se sinta segura para ser ela mesma e se expressar das mais diversas formas.

É perceptível no comportamento das crianças quando vivem em um ambiente afetivamente estável e quando não. No primeiro caso a criança sente-se parte de algo, se reconhece, demonstra mais receptiva as rotinas e ordens e tende a agir com autonomia no cotidiano escolar, seja em conflitos com outros amigos, ou na realização das atividades ou até mesmo na satisfação de suas necessidades individuais. No segundo caso, pelo contrário, observa-se uma criança mais intolerante a regras, com dificuldade de conversar com outras crianças e com os professores, sempre chamando atenção, além de apresentar dificuldade em realizarem atividades e resolver conflitos sozinhas.

Durante a sua formação fica marcado no aluno não apenas um conjunto de conhecimentos, mas também um conjunto de hábitos, pensamentos, comportamentos, regras, normas morais da personalidade e da identidade do aluno. Todas estas características adquirem traços de sua trajetória escolar de forma que o afeto se torne indispensável no cenário pedagógico servindo de vínculo para o resgate efetivo da aprendizagem e da motivação de aprender. O professor, ao enxergar a criança em sua totalidade racional e emocional considera suas emoções, interesses, sentimentos e confere significação ao processo de ensino-aprendizagem garantido, assim, uma real possibilidade de aprendizagem.

Segundo Kupfer (2003, p. 35) em nossos dias, ainda é habitual entre os educadores a concepção de que a criança se desenvolve a partir de dois âmbitos: a cognição e o afeto.

Dessa forma a articulação entre afeto e educação raramente é priorizada. O afeto não tem espaço para ser parte do sujeito tampouco parte do processo de aprendizagem. Porém sabemos que essa dissociação é impossível tanto no aluno quanto no professor que também traz sua afetividade e emoções para sala de aula.

No ambiente pedagógico muitos professores dirigem-se aos seus alunos como se fossem intelectos abstratos ou sujeitos sem história. Galvão (2003, p. 82) ao trazer uma reflexão sobre a teoria de Wallon aplicada a prática pedagógica propõe que:

Sujeitos concretos e contextualizados, os alunos têm na escola e na família, entre outros ambientes concretos e simbólicos com os quais interagem, meios nos quais se constituem. A consideração da complexidade das relações que se estabelecem entre o sujeito e os meios nos quais se insere impõe, no mínimo, que se tenha prudência nos julgamentos tão peremptórios e automáticos que a escola costuma fazer de seus alunos, o que se agrava nos julgamentos negativos, quando facilmente se elege determinantes únicos [...] como responsáveis por distúrbios de comportamento e aprendizagem. [...] ao atribuir a um fator único e externo à responsabilidade por comportamentos que são vistos como problemáticos, eximem o meio escolar de qualquer participação na construção do problema [...] e afasta da escola também a possibilidade de lidar com o problema, pois sua solução dependeria sempre da ação de um elemento externo.

Dessa forma o professor deve procurar ajudar seus alunos, sempre buscando saber mais sobre a realidade deles e procurando ler os afetos atravessados nas produções escolares e no comportamento das crianças no cotidiano, a fim de compreender o que se passa com cada aluno em sua vida familiar. Segundo Galvão (2003) cabe ao professor saber intervir e mediar o afeto para que a criança se desenvolva e alcance os objetivos propostos durante a educação infantil.

A escola é o local que visa transmitir além de conteúdos, valores culturais, morais, civis e políticos, tendo assim, diversas atribuições sociais. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) em seu artigo 1º, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Dessa forma deve-se ter em mente que a educação, em seu significado abrangente, também se faz presente em espaços diferentes do ambiente escolar formal.

Como se percebe, este capítulo teórico, apresenta as principais categorias de pesquisa e o fio de pensamento que construímos para desenvolver a pesquisa. No capítulo que se segue detalharemos a metodologia utilizada para desenvolver o estudo.

3 METOLOGIA

Pesquisa qualitativa é aquela que parte do princípio de que um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em qual ocorre. Dessa forma, nesse tipo de pesquisa o pesquisador vai ao campo buscando observar, participar e captar o fenômeno pesquisado a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, utilizando a coleta e análise de dados, para que se compreenda a complexidade do fenômeno (GODOY, 1995). De acordo com Triviños (1987) a pesquisa qualitativa tem suas raízes na antropologia e na sociologia. Os pesquisadores dessas áreas de conhecimento perceberam que informações sobre a vida e cultura dos povos não podem ser quantificadas e que precisavam ser interpretadas de forma mais ampla. Destarte, a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave que tende a analisar tais dados qualitativamente.

A pesquisa qualitativa pode ser conduzida através de diversos caminhos. Para tanto, utilizamos o estudo de caso. Esse tipo de pesquisa tem como unidade de análise o estudo de um ou mais eventos, programa ou indivíduo. Na pesquisa de estudo de caso o investigador explora um ou múltiplos sistemas delimitados ao longo do tempo por meio da coleta de dados extensa detalhada em profundidade envolvendo múltiplas fontes de informação (CRESWELL, 2014). Isto porque para compreender o caso em sua profundidade é necessário que o pesquisador colete dados das mais diversas formas, através de entrevistas, questionários, observações diretas e participativas, registros pessoais, materiais audiovisuais entre outros. Além disso, o estudo de caso é descritivo, sendo de extrema importância que o pesquisador descreva os casos e os temas e questões que venham a surgir em cada um deles.

Dentre os tipos de pesquisas de estudo de caso, de acordo com Creswell (2014) existe o estudo de caso instrumental único onde o pesquisador se concentra em uma questão e só depois seleciona um caso delimitado para ilustrar essa questão; o estudo de caso coletivo ou múltiplo, no qual a questão ou preocupação é selecionada, mas o investigador escolhe múltiplos estudos de caso para ilustrar a questão demonstrando os contextos e perspectivas em que diferem um do outro. O estudo de caso pode ser ainda intrínseco, quando a intenção do estudo pode ser ilustrar um caso peculiar, que tem interesse incomum por si só e precisa ser escrito e detalhado; ou instrumental quando a intenção é entender uma questão, um problema ou preocupação e é selecionado um caso ou casos para melhor compreender o problema.

A presente pesquisa sendo de estudo de caso coletivo e instrumental consiste em um estudo multifocal, onde foram pesquisadas a questão da afetividade em dois ambientes educativos diferentes. A pesquisa foi realizada em um ambiente escolar formal e em um ambiente educativo, porém não formal. Investigou-se professores, equipe diretiva (coordenadores, diretores, orientadores) e educandos (oriundos da classe média) neste espaço particular. Realizou-se este estudo durante dois semestres do ano de 2015 através de observações diretas e participativas em ambos os espaços, consulta a diversas bibliografias, análises e registros e relatórios pessoais coletados durante os períodos de estágio (Projeto 4).

Para a realização da pesquisa foi necessário perceber as diferenças existentes entre os espaços escolares e não escolares. A escola é o local que visa transmitir além de conteúdos, valores culturais, morais, civis e políticos, tendo assim diversas atribuições sociais. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 1º destaca que "a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais".

Dessa forma deve-se ter em mente que a educação, em seu significado abrangente, também se faz presente em espaços diferentes do ambiente escolar formal, pois, como destaca Libâneo (2002, p. 33):

O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas educativas.

A escola exerce o papel de promover a educação dos das crianças e jovens de forma direta, tendo compromisso obrigatório com os conteúdos curriculares previstos nos Parâmetros e Diretrizes Curriculares Nacionais (PCNs e DCNs) estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC).

Para Gohn (2006) a educação formal é aquela realizada diretamente nas escolas, com conteúdos previamente estabelecidos, na qual são os professores que ministram as aulas cujos espaços utilizados são os do território das escolas. Além disso, as escolas formais possuem a finalidade de promover processos de ensino-aprendizagem de conteúdos sequenciados, sistematizados e normatizados, baseando-se na aprovação em diferentes níveis ou séries que conferem ao educando uma certificação de grau.

Diferentemente, o ambiente não escolar não possui a educação formal como objetivo principal, mas sustenta-se nela para fundamentar-se e estruturar-se, sendo um espaço

extraescolar onde são previstos conhecimentos pedagógicos e educativos. Sem compromisso obrigatório com os currículos, o trabalho nesses espaços amplia as possibilidades de ensino, oferecendo outros espaços para a aprendizagem, através de uma flexibilidade maior em relação ao métodos, conteúdos e tempo, utilizando-se desse tempo para aprofundar questões, disciplinas e temáticas as vezes deixadas de lado na educação formal.

No próximo capítulo, adentraremos na empiria, analisando as práticas observadas no intuito de atender ao objetivo geral citado no capítulo introdutório deste trabalho.

4 A EMPIRIA

Neste capítulo apresentaremos duas experiências vivenciadas em duas realidades educacionais distintas: uma não escolar e outra escolar. Nestes ambientes procurei observar como os professores lidam com a afetividade e representada nas atividades didáticas desenvolvida naqueles ambientes. No primeiro caso, analisaremos os discursos do coordenador e de um professor, além dos materiais didáticos produzidos durante nossas observações. No segundo caso, analisaremos as práticas desenvolvidas em um ambiente escolar formal e como a afetividade é trabalhada durante esta formação.

4.1 Experiência Pedagógica com Crianças Frequentadora de um Ambiente não Escolarizado

Durante o Estágio Supervisionado no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, vivenciei uma experiência pedagógica com crianças em ambiente não escolarizado. Desta vivência relato o que aprendi no intuito de refletir sobre nosso objeto de estudo, a afetividade.

O estágio teve como objetivo observar e analisar as atividades realizadas em sala de aula, assim como a atuação do professor e sua interação com os alunos sendo estes participantes ativos do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, estar em sala de aula agrega valor à formação do professor no sentido de auxiliar a articulação entre a teoria e a prática, o que é essencial para a vivência do futuro professor.

O estágio foi realizado em um berçário¹, um espaço articulador de atividades pedagógicas, físicas, artísticas, sociais e lúdicas. Este local possui uma metodologia própria através da qual respeita-se e considera-se as emoções e interesses das crianças no ambiente pedagógico. Também baseia-se no estabelecimento de um vínculo afetivo entre alunos e professores e entre alunos e alunos a fim de propiciar uma experiência educativa positiva e significativa para todos aqueles envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Configura-se como um espaço destinado a atividades físicas e pedagógicas, sendo uma instituição privada localizada na região Sudoeste de Brasília. Este ambiente educativo visa unir atividades físicas, artísticas, sociais, educativas e cognitivas em um espaço lúdico e seguro, buscando estimular a autoestima das crianças e promover a qualidade de vida familiar. Visa, também, oferecer as melhores condições para que a criança desenvolva todo seu

¹ Optamos por ocultar a identidade deste espaço para evitar problemas éticos.

potencial cognitivo, emocional, motor, afetivo e social harmoniosa e prazerosamente se relacionando com outras crianças e participando das atividades em um ambiente rico em estímulos, específico e apropriado para ela, respeitando cada fase do desenvolvimento infantil. Além disso, este lugar oferece cursos, treinamentos, workshops, colônias de férias e palestras para os pais, babás e professores.

A inteligência emocional da criança é motivada através das interações sociais. As crianças que são emocionalmente trabalhadas desde cedo, ou seja, estabelecem vínculos afetivos positivos com as pessoas que as cercam, desenvolvem um tipo de qualidade que as tornam mais saudáveis, mais sociáveis, de forma que essas crianças possuem melhor desempenho acadêmico, se recuperam mais facilmente de experiências tristes e sintam-se mais preparadas para lidar, no futuro, com os riscos e desafios. As emoções e desejos da criança devem ser levados em consideração, mas quando ela age de forma prejudicial a si mesma e/ou aos outros os preparadores emocionais deverão intervir e orientá-la. Esses preparadores emocionais são os pais e dentro do cenário pedagógico, os professores. Para que a preparação emocional ocorra é importante que se estabeleça um vínculo emocional e afetivo entre professor e aluno, de forma que as crianças passem a vê-lo como um confidente, aliado, alguém que pode confiar, querendo agradá-lo e não o decepcionar.

O professor como responsável por estabelecer o vínculo afetivo deve perceber a emoção da criança e reconhecer como uma oportunidade de aproximação com ela. Para tanto, o professor deve escutar a criança com empatia procurando compreendê-la naquele momento e ajudando-a a nomear e verbalizar suas emoções. Essa compreensão emocional do professor valoriza as experiências e sentimentos da criança, mostrando a ela que é importante, dando-lhe no decorrer do processo autonomia para expressar seus sentimentos e conseguir acalmar a si mesma para que possa resolver seus próprios conflitos. Entretanto, essa autonomia só existe se a criança possuir um vínculo afetivo com aqueles que a cercam, já que é a partir do vínculo que ela estabelece que a faz sentir-se confiante para externalizar seu pensamento, emoção, medo e insegurança. Segura de si consegue realizar suas atividades de forma autônoma.

Outro ponto considerado dentro da metodologia aqui apresentada é o fenômeno dos espelhos que coloca o professor como um espelho psicológico através do qual a criança constrói sua própria identidade. O fenômeno explica que as crianças nascem sem um senso do “eu” e que esse senso de individualidade e personalidade é uma construção social, aprendida e estabelecida na convivência com os outros. Baseada nessa relação com o próximo a criança valoriza a si mesma na medida em que é valorizada por aqueles com os quais convive. Dessa forma a imagem que a criança tem de si mesma é produto de numerosos processos, como por

exemplo, o tratamento que recebe das pessoas à sua volta, o domínio sobre si mesmo e sobre o ambiente e o grau de realização e reconhecimento em áreas que são importantes para ela. Através disso a criança cria sua autoimagem ou autoconceito, o que é extremamente importante para que ela se desenvolva de forma positiva e autônoma.

A programação pedagógica do ambiente pedagógico estudado, também prevê encontros com a Psicóloga e com Profissionais de Educação Física, *Shantala* (massagem indiana para bebês), utilização de *Slings* (carregador de pano não estruturado para bebês), atividades e brincadeiras que estimularão as inteligências múltiplas da criança. As crianças também são acompanhadas pelos pais ou responsáveis em aulas de Musicalização cuja iniciação musical é feita por meio de jogos e brincadeiras dinâmicas e divertidas; Artes para bebês, onde através da vivência corporal as crianças exploram cores, formas e texturas desenvolvendo, assim, habilidades sociais e seu auto expressão.

A Psicomotricidade ali trabalhada, propicia as crianças brincarem, correrem, pularem e explorarem um espaço preparado para elas com brinquedos educativos, bolas, colchões, bancos, rampas, túneis estimulando a curiosidade e criatividade. Os movimentos nunca são impostos e sim insinuados, para que a criança se torne autônoma e autossuficiente. Dessa forma a criança deve estar livre no espaço para brincar e aprender brincando.

A brincadeira desenvolve os aspectos motores, cognitivos, sociais, a coordenação global, a lateralidade, o equilíbrio, o ritmo, a organização espacial e temporal, desenvolvendo a inteligência emocional e se relacionando com cores, formas, sons e números do mundo em que vive. Dessa forma a criança desenvolve segurança na expressão de seus sentimentos e opiniões, gerando uma imagem positiva de si mesma e fundamentando sua autoestima. Todas essas atividades possuem o objetivo de oferecer um momento de estimulação e desenvolvimento prazeroso e natural. Estando acompanhados de pessoas próximas, de convívio diário, os bebês se sentem mais seguros e mais abertos ao contato com outros bebês e para novas experiências.

As crianças, em turmas divididas por faixa etária, usufruem das atividades de Ballet, Futsal, Laboratório de Ciências, Ginástica Artística, Capoeira e aulas de Artes, Música Psicomotricidade e Leitura. As turmas são reduzidas com o máximo de até 10 alunos para que haja um melhor aproveitamento por parte dos professores e dos alunos. Nas aulas de leitura, os professores utilizam o método Doman, através do qual as crianças manuseiam livros, ouvem histórias e conhecem palavras do seu cotidiano estimulando assim o gosto pela leitura.

Em outro momento as crianças participam de aulas de Artes, Música e Circo. Nas aulas de Artes as crianças conhecem artistas e suas obras, identificando-as com o cotidiano e

exploram diferentes materiais e texturas, proporcionando a sensibilização tátil e visual e a coordenação motora fina. Além disso, a produção de um trabalho concreto é motivo de orgulho para as crianças contribuindo para sua autoestima. As aulas de Circo desenvolvem capacidades artísticas e corporais, como a coordenação motora e a flexibilidade, incentivam a superação de desafios e estimulam a o trabalho em equipe, a extroversão e a comunicação, auxiliando as crianças a lidarem com sua própria timidez. Durante as aulas as crianças aprendem acrobacias, técnicas aéreas no tecido, andar na perna-de-pau, trabalham ritmo e percepção de tempo e espaço praticando malabarismos e pulando corda.

Este ambiente educativo opera com uma equipe de estagiários, professores, diretores e coordenadores, que em atuação conjunta desempenham um trabalho baseado na afetividade e na compreensão para com as crianças e suas respectivas famílias. Os estagiários são responsáveis pela recepção dos alunos e por acompanhá-los por toda a manhã durante as aulas, durante o lanche, em idas ao banheiro, durante a troca de professores, até o fim da manhã quando os pais ou responsáveis retornam para buscá-las. Além disso, os estagiários devem preencher as agendas e a chamada, organizar as salas antes e depois das aulas e devem participar ativamente das aulas e das atividades a fim de potencializar o aprendizado que as crianças estão experimentando.

O horário de entrada das crianças é às 8h com permanência até 12h. Ao chegarem as crianças são recebidas pelos estagiários e pela coordenadora. Em seguida são encaminhadas pelos estagiários para a primeira aula da manhã e posteriormente para a segunda aula. Ao término desta as crianças são acompanhadas pelos monitores até o banheiro, onde lavam as mãos e o lanche é realizado em uma sala própria. Em seguida as crianças são levadas para a terceira aula do dia e no fim da manhã optam pelas aulas de Ballet ou Futsal, de segunda a quinta, e na sexta possuem aula de Ginástica Artística, sendo encaminhados para os respectivos espaços destinados a essas atividades.

É importante ressaltar que durante toda essa rotina, as crianças cantam no fim de cada aula, junto com os professores e monitores, músicas para ajudarem a guardar os materiais (Atenção, concentração, ritmo, vai começar, a hora de guardar) e a música do “Tchau, Tchau” (Tchau, tchau, tchau essa aula terminou. Tchau, tchau, tchau para outra aula/para o lanche/para casa agora eu vou) que marca o término de todas as atividades e indicam o início de outra aula, ou o início do lanche ou o momento de ir para casa.

Os temas das aulas são mensais e organizados pela equipe de coordenação, direção e professores da instituição. Dessa forma existe um tema geral a cada mês que norteia todas as aulas, porém os professores exploram o mesmo tema de formas diferentes e diversificadas,

abordando os conteúdos específicos da aula ministrada. Por exemplo, o tema do mês de abril foi “Brasília”, já no mês de maio foi contemplado o tema “Família” e no mês de junho foi trabalhada a temática “Contos Clássicos”.

Em entrevistas realizadas com a coordenadora deste espaço investigado, inquirimos sobre a importância do afeto no cenário pedagógico. Ela afirmou que "o afeto é essencial e necessário porque é através dele que o indivíduo confia e se entrega à nova relação com professores e colegas e às novas relações que advém dessa convivência"

Questionada sobre como o afeto pode influenciar positivamente na efetivação da aprendizagem, a coordenadora afirmou que "o afeto vincula e ao mesmo tempo deixa o indivíduo livre para explorar novas situações. Dessa forma o afeto é uma ponte para o desconhecido, ou seja, para os novos aprendizados e experiências".

Sobre a importância da autonomia para o desenvolvimento infantil a coordenadora destacou que o professor pode auxiliar "orientando na execução de tarefas que a criança deve realizar sozinha e estimulando a criança a comer sozinha ou guardar os brinquedos, por exemplo."

Insistindo sobre a importância do afeto no cenário pedagógico e se este influi na promoção da autonomia da criança a coordenadora afirmou que "o afeto permite a criação de um vínculo e ao mesmo tempo dá segurança ao indivíduo que se sente livre e confortável para realizar atividades por conta própria [...]".

Decidimos entrevistar professores sobre a importância do afeto no cenário pedagógico. Uma das professoras afirmou que "tratar com afeto as crianças, a família, os colegas de trabalho são muito importantes para a criação de um vínculo com a criança e com os demais, além de propiciar um ambiente mais agradável e proveitoso". Questionada como o afeto pode influenciar positivamente na aprendizagem a professora afirmou que "quando a criança é tratada com afeto gosta mais do ambiente, fica mais aberta a aprendizagem". Inquirimos o professor sobre como costuma auxiliar na promoção da autonomia na criança. Este respondeu que "deixando que eles façam as experiências, que criem, tentem fazer sozinhos determinadas atividades mesmo que as vezes façam errado pois o erro faz parte do aprendizado e da promoção da autonomia". Para finalizar perguntamos como o afeto no cenário pedagógico pode influir na promoção da autonomia das crianças, o professor nos respondeu que "com o afeto a criança vai, aos poucos, construindo sua autonomia, sem pressão ou cobrança".

Portanto, a visão da afetividade e sua relação com a aprendizagem e a formação do sujeito é comum aos coordenadores e professores entrevistados, pois ajuda a criar laços afetivos entre os sujeitos envolvidos facilitando a aprendizagem. Para os professores, quando

há afetividade a confiança entre professor e criança torna-se ativa frente ao processo de aprendizagem, ou seja, levá-la a autonomia. Também constrói uma relação de respeito entre escola, professores, alunos e familiares. Outro aspecto importante que a afetividade melhora as relações interpessoais, dando confiança a criança para se posicionar sobre o que pensa.

4.1.1 Composição das Turmas

Na turma de dois anos as crianças interagem entre si com muita facilidade no decorrer das aulas e atividades. Havia uma criança que sua adaptação foi difícil por sentir a ausência da mãe. Outra criança foi colocada na turma de dois anos, pelo fato de ter sido adotado recentemente e se sentir insegura em relação à sua aprendizagem, além de não conhecer elementos como cores, número, entre outros. Há uma criança que possui algumas dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento, porém não possui diagnóstico fechado. Outra frequenta este ambiente desde bebê de forma que está totalmente adaptado à rotina, aos professores, aos monitores, as atividades e a metodologia ali utilizada. Há uma criança filha de uma das professoras o que, em parte, dificultou sua adaptação, pois procurava a presença da mãe em todos os momentos. Apesar de estarem na mesma turma, as crianças não frequentam a instituição nos mesmos dias, pois sua frequência ocorre de acordo com a disponibilidade dos pais que viajam com frequência e nem sempre estão em Brasília, de forma que passa a maior parte do tempo com a babá com quem possui um forte vínculo afetivo.

A turma de 3 anos é composta por crianças que se relacionam muito bem, embora que haja alguma forma de competição entre alguns deles, gerando conflitos, resolvidos, na maioria das vezes, por elas mesmas. Constatamos que há uma criança com dificuldade na fala, pois ainda não pronuncia as palavras. Às vezes não consegue expor o que quer, fica irritado, tendo assim, dificuldade em se relacionar com os colegas.

Todas as turmas possuem as mesmas aulas durante os dias da semana, porém em horários diferentes. As duas turmas sempre ficam juntas durante o lanche e no fim da manhã, enquanto esperam pelos pais para buscá-las. Como a turma de três anos possui poucas crianças, em algumas situações as duas turmas frequentam as aulas juntas, de forma que todas as crianças das duas turmas se conhecem, são amigas e interagem entre si.

4.1.2 Observação de Aulas

Neste item, apresentaremos alguns momentos de observação dos encontros e como eram desenvolvidos os trabalhos com a turma.

O primeiro dia de observação foi feito em uma terça-feira pela manhã com início às 7:30. Inicialmente observei que enquanto as crianças não chegavam os professores arrumaram as salas, colocando os materiais que seriam utilizados no chão, tapete ou mesa. As 08:00 as crianças começaram a chegar, sendo recepcionadas pela coordenadora. Durante a recepção das crianças observei que a coordenadora tem a função de agir na adaptação das crianças. Ao receber uma criança da turma de 2 anos em adaptação, o Levi, ela conversava com a mãe e a criança ao mesmo tempo auxiliando-os e confortando-os em relação àquela situação de separação. Encaminhou a mãe e o filho para a sala, onde a criança atraída pelos brinquedos desceu do colo da mãe para brincar. Nesse momento a mãe se despediu do filho e foi embora. A criança chorou muito e relutou em ficar na sala. A coordenadora o pegou no colo e quando estava mais calmo, sentou-se com ele no tapete onde estavam as outras crianças na aula de leitura. Aos poucos foi se afastando dele até que estivesse sentado sozinho no tapete e entretido com a aula. Ela explicou que no momento em que a criança tem que deixar a mãe, a mãe também tem que deixar o filho. É um momento em que os dois sofrem e por isso procura consolar e auxiliar os dois. Disse que é muito importante o momento de despedida e explicar à criança que ao término das aulas seus pais ou responsáveis retornarão para buscá-la, pois sair sem se despedir dá a criança uma sensação de abandono. Explicou também que inicialmente a criança precisa de um consolo, até que se acalme. Posteriormente disse que o correto é ir aos poucos se distanciando da criança, deixando-a livre para que explore aquele espaço e vivencie novas experiências, saindo da zona de conforto, que no caso seria o colo.

Durante a primeira aula a coordenadora falou sobre a rotina das turmas das terças-feiras explicando que acompanharia a turma de 2 anos ou a turma de 3 anos que possuem as mesmas aulas, porém em horários diferentes. De forma que a turma de 2 anos tem, em sequência, aulas de leitura, psicomotricidade e artes visuais; e a turma de 3 anos tem, em sequência, aulas de psicomotricidade, artes visuais e leitura. Apesar de essas aulas serem em horários diferentes, todas as crianças lancham juntas e ao término da terceira aula são encaminhadas juntas para as aulas de Ballet ou Futsal. Cada uma dessas turmas é acompanhada por um monitor na troca de aulas, lanche e no plantão, quando aguardam a

chegada dos pais. Posteriormente recebi da coordenadora a rotina do estagiário e me pediu que durante a segunda e terceira aulas acompanhasse a turma de 3 anos.

A segunda aula da turma de 3 anos é de artes. Quando cheguei na sala as crianças já estavam sentadas na mesa enquanto a professora falava sobre o artista plástico Wassily Kandinsky. Ela mostrou no tablet várias imagens de obras abstratas do artista russo Wassily Kandinsky, explicando para as crianças um pouco sobre ele e sobre suas obras. Na medida em que as cores e formatos das obras chamavam a atenção das crianças, elas começavam a perguntar e se interessar pelo material exposto. Em seguida mostrou as crianças uma imagem impressa de uma obra composta por muitas figuras geométricas como quadrados, círculos, triângulos, semicírculos e linhas horizontais e verticais, explicando as crianças cada tipo de linha e cada figura encontrada na obra. Posteriormente explicou as crianças o que era uma releitura e perguntou se elas queriam fazer uma. Muito animadas disseram que sim. Então a professora distribuiu para cada criança linhas e figuras geométricas para que realizassem uma colagem, imitando a obra original de Kandinsky. As crianças foram pegando as figuras, passando a cola e colando no papel com ajuda dos estagiários e da professora. Da mesma forma colaram as linhas nas posições horizontal e vertical. Durante toda a realização da releitura a professora perguntava as crianças o nome das figuras geométricas que estavam colando e incentivando-as a colarem as linhas na horizontal e vertical, observando se haviam internalizado aqueles conceitos. Em um momento um dos alunos me perguntou sobre a colagem dele, eu respondi que estava linda, ele disse que não, que ainda faltavam mais linhas verticais, pois já haviam muitas linhas na horizontal. Fiquei impressionada de ver uma criança de três anos compreendendo esses conceitos. A professora explicou que desde o começo do ano está explicando em suas aulas sobre os tipos de linha e que por isso as crianças já conseguem entendê-los.

Quando as crianças terminaram a colagem a professora sentou no chão com elas e cantou a música do “Tchau Tchau” indicando o término da aula e depois cantou a música “meu lanchinho” indicando que iriam lanchar. Posteriormente junto com o monitor da turma levei as crianças das turmas de 3 e 2 para lavar as mãos no banheiro. Sempre que deslocamos as crianças de um lugar para outro é feito uma fila, e o monitor canta com elas. Enquanto isso a outra monitora montou o lanche das crianças na sala, colocando em cima da mesa o lanche de cada uma. Quando chegamos com as crianças elas sentaram-se à mesa para lanchar. Nesse momento o monitor me explicou que as crianças não podem dividir o lanche, porque nem sempre o que uma criança trouxe a outra pode comer. Observei que eles ensinam isso às crianças pois uma criança da turma de 2 anos ofereceu biscoito para outra da turma de 3 anos,

que respondeu “Não pode, lembra que aqui na escola a gente não divide o lanche?”. Entendo o motivo pelo qual as crianças não podem dividir, mas acho que isso deveria ser explicado para elas, para não se tornarem egoístas. Por exemplo, dizer que o lanche não pode dividir porque um colega pode ter alergia, mas os brinquedos podem sempre dividir.

Quando as crianças terminaram de lanchar foram encaminhadas para a aula de leitura foi sobre família. Quando as crianças chegaram o ambiente já estava preparado com fichas com as palavras “papai”, “mamãe”, “irmã” e “irmão” e imagens de cada um desses membros da família espalhadas pelo tapete. As crianças sentaram no tapete e começaram a pegar as fichas e imagens. A professora mostrava as fichas e ia apontando letra por letra, dizendo o nome de cada uma e relacionando determinadas letras com a palavra escrita, como por exemplo, “irmão tem a letra ‘o’ e irmã não tem”. Ela explicou que mesmo que as crianças não possam ler, podem reconhecer as letras e identificar as palavras visualmente, mas que isso ocorre em um processo gradativo.

Em seguida começou a relacionar as palavras com as imagens, perguntando para as crianças como é sua mãe, como é seu pai, se tem algum irmão ou irmã e se brincam com eles. As crianças vão respondendo e se identificando com as imagens, relacionando-as com membros de suas próprias famílias. Posteriormente pegou uma televisão feita com caixa de sapato e rodando uma manivela foi mostrando imagens de uma história sobre a família onde mãe, pai e irmãos foram fazer um piquenique no parque. As crianças foram interagindo com a história e as imagens na televisão e na medida em que se identificavam iam compartilhando suas próprias experiências com a família, falando que gostavam de subir nas costas do pai assim como na imagem mostrada, que gostavam ou queriam fazer um piquenique. Observei que as crianças não interagem apenas com a professora, mas também conversam entre si, falando para os colegas sobre a sua família e perguntando sobre a deles. Quando a professora terminou a história cantou com as crianças a música para guardar os materiais e foi pedindo para cada criança “pegar a imagem da irmã ou a palavrinha irmã”, “pegar a mãe ou a palavrinha mãe” para guardar. Nesse momento percebi que a professora estava observando se as crianças haviam compreendido o significado das imagens e se conseguiam identificar as palavras. Quando não conseguiam ela intervia e ajudava a criança a conseguir.

Quando a aula terminou as crianças, junto com as demais crianças da turma de 2 anos, foram direcionadas para se prepararem para as aulas de Ballet e Futsal. As próprias crianças optam pela atividade que querem fazer. Os monitores trocam a roupa das meninas que optaram por ballet e em seguida professores de ballet e futsal buscaram as crianças na sala e as

levam para essas atividades, que eu não acompanho, somente os monitores de cada turma acompanham.

Em seguida, as crianças foram encaminhadas para uma das salas onde aguardaram a chegada dos pais brincando com blocos de montar. Nesse momento a coordenadora me explicou que os feedbacks sobre o dia das crianças só podem ser passados para os pais através dela, dessa forma nem professores, nem estagiários, nem monitores podem passar informações para os pais. Essas informações, que podem ser sobre desde um machucado, uma queda, um desentendimento com um colega da turma até se a criança comeu ou chorou, devem ser observadas por todos e transmitidas a coordenadora que é responsável por informar os pais. Achei um pouco estranho porque percebi que os pais dos alunos criam vínculo e confiam apenas na coordenadora, não tendo contato direto com os demais profissionais que ficam com as crianças durante o dia todo. Quando todas as crianças foram embora, arrumamos os brinquedos encerrando o primeiro dia de observação.

4.1.3 O USO DIDÁTICO DO MATERIAL

A Leitura era trabalhada (Figura 1) nas turmas da seguinte forma: A professora disponibilizava todos os materiais no tapete, despertando já de início a curiosidade das crianças. As aulas buscavam desenvolver habilidades tais como reconhecimento das vogais, numerais, consoantes, acentos gráficos, através de jogos didáticos e apresentação de palavras, escolhidas de acordo com a temática selecionada mensalmente. As crianças sentiam-se atraídas pelos jogos e temas trabalhados, internalizando o conhecimento transmitido pela professora. Durante toda a aula a professora e monitoras participam ativamente dos jogos com as crianças, transformando o momento de aula em um momento propício para o desenvolvimento da afetividade e do estabelecimento de vínculos afetivos entre professores e alunos, devido à proximidade física e emocional na qual se encontram. Dessa forma, observa-se a utilização da afetividade como elemento propulsor da aprendizagem, assim como Piaget traz em sua teoria que a afetividade serve de impulso à cognição que organiza o funcionamento mental.

Figura 1. Materiais utilizados na Aula de Leitura



Fonte: da autora

A aula de Psicomotricidade (Figura 2) acontece de forma a desenvolver aspectos motores, sociais e afetivos. A professora sempre tenta elaborar as aulas seguindo a temática mensal, porém sempre trazendo elementos referentes a vida cotidiana das crianças, para que possam agir com naturalidade diante das atividades propostas. A aula quase sempre contava com circuitos, onde as crianças passavam por diversas atividades que envolvem o corpo, como por exemplo, cambalhotas, saltos, escaladas, atividades estas que a criança se disponibiliza a fazer por já possuir vínculo afetivo com a professora, gerando uma relação de confiança, na qual a criança se entrega a atividade, participando de tudo que lhe é apresentado, sendo que a aprendizagem depende da temperatura afetiva do ambiente. Assim, a cada aula as crianças sentem-se mais confiantes pela evolução do vínculo afetivo existente com a professora, de forma que afetividade e cognição constroem-se reciprocamente, no que Wallon chama de uma complexa relação de interdependência.

Figura 2. Materiais utilizados na Aula de Psicomotricidade



Fonte: da autora

Nas aulas de artes (Figura 3) foram utilizadas diversas técnicas intuito de despertar a criança para a produção de desenhos, esculturas, pinturas entre outros. A professora sempre buscava mostrar vídeos e imagens acerca das temáticas em um *tablet*, explorando sempre o visual para que as crianças reproduzissem, fizessem releituras ou recriassem as imagens mostradas, sempre explorando as cores, formas geométricas, linhas horizontais e verticais, elementos espaciais, obras de grandes artistas, entre outros. A professora mostra-se sempre solícita e carinhosa com as crianças, incentivando-as sempre a progredir nas atividades. Observa-se que vínculos afetivos estabelecidos entre as crianças e a professoras, contribui positivamente para a efetivação da aprendizagem. Através do vínculo de confiança e carinho, as crianças gostam da professora, e isso facilita a transmissão dos conteúdos, já que as crianças dão uma abertura maior para que a professora se aproxime, e desperte o interesse delas acerca dos temas trabalhados em sala de aula. Dessa forma, observei aulas em que as

crianças prestavam totalmente atenção e participavam ativamente das atividades e correspondiam a tudo que lhes era solicitado.

Figura 3. Materiais utilizados na Aula de Artes



Fonte: da autora

No laboratório (Figura 4) as crianças são estimuladas a abrir-se de forma natural a autônoma a novidades. As aulas de laboratório traziam diversas experiências novas realizadas pela professora e as crianças, trazendo a questão da descoberta e da curiosidade. As crianças mostram-se muito interessadas e questionadoras durante a aula, buscando entender os processos trabalhados, os quais sempre finalizam fazendo algum registro. A participação das crianças só é possível devido ao vínculo afetivo preestabelecido com a professora, já que as

crianças se sentem confortáveis e seguras para expressar as dúvidas, expectativas, conclusões e até mesmo seus medos relacionados as experiências vivenciadas nas aulas.

Figura 4. Materiais utilizados no Laboratório



Fonte: da autora

Portanto, nesta prática não escolarizada, pode perceber o quanto a Afetividade tem norteado o trabalho pedagógico de modo a promover os processos de ensino e aprendizagem.

4.2 EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM CRIANÇAS FREQUENTADORA DE AMBIENTE ESCOLAR

Em outro momento vivenciamos a prática docente, durante a disciplina Projeto 4 – fase II do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Otília Dantas. Neste trabalho, visávamos descrever as experiências e reflexões referentes ao estágio obrigatório, composto por 120 horas de observação. O estágio foi realizado em uma escola em Águas Claras sendo observados os pontos qualitativos da Escola, sua metodologia e estrutura, como também a atuação do corpo docente da Instituição.

Naquele momento coletei informações acerca da estrutura da escola, de como o professor regente trabalha com os alunos em sala, sua metodologia, as atividades

desenvolvidas e como os alunos reagem a cada proposta que é oferecida, além de relatórios das aulas que foram desenvolvidas e os assuntos que foram trabalhados.

Durante o estágio observou-se as atividades realizadas em sala de aula, assim como a atuação do professor e sua interação com os alunos, e os processos de ensino e aprendizagem colocando em prática tudo o que foi observado e vivenciado durante o curso. Além disso, manter-se dentro da sala de aula agrega valor à formação do professor, no sentido de auxiliar a articulação entre a teoria e a prática, o que é essencial para a vivência do professor em sala de aula.

A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e integral nos três níveis de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. O colégio atende 2.525 alunos em 84 turmas, sendo 18 turmas na Educação Infantil, 55 turmas no Ensino Fundamental (38 turmas de 1º ao 6º Ano- E.F. em 9 anos, 17 turmas de 6ª a 8ª Série- E.F. em 8 anos) e 11 turmas no Ensino Médio. Os níveis são divididos em blocos: o bloco A concentra do infantil três até o primeiro ano (Educação Infantil); o bloco B, segundo ao quinto ano (Ensino Fundamental I), Bloco C, sexto ao nono ano (Ensino Fundamental II) e; o Bloco D, Ensino Médio. Os alunos que frequentam esta escola têm idades de 3 a 18 anos, não sendo permitido a matrícula de alunos com idade inferior a 3 anos. O uso do uniforme escolar é obrigatório, mudando apenas as cores por bloco.

A Proposta Pedagógica da referida escola está fundamentada na Lei das Diretrizes e Bases (LDB) e baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que implementa em sintonia com as demandas educacionais contemporâneas, buscando conciliar o humanismo e a tecnologia, o conhecimento e o exercício da cidadania, a formação ética, a responsabilidade social e ambiental, a autonomia intelectual com inovação e criatividade. Dessa forma a escola propõe-se a desenvolver o aluno nos mais diversos âmbitos, extrapolando o cognitivo.

O trabalho realizado naquela Escola afirma pautar-se na abordagem construtivista, cujas premissas são a interação social e a atividade mental construtiva nos processos de aquisição do saber. Assim, o aprender não é visto como algo externo ao indivíduo ou exclusivamente interno é algo que se constrói a partir de referências históricas e sociais, interferindo neste processo fatores culturais e psicológicos.

As questões sociais (ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural) são tratadas de forma transversal, isto é, perpassam todo o conteúdo em todas as séries. A Escola tem como missão a educação humana e cristã, das crianças e jovens dedicando-se à sua formação integral e integradora. Para tanto, tem com o aluno o compromisso de auxiliá-lo no seu processo de construção do conhecimento e da sua vida. A

didática do aprender a aprender e a formação do ser humano cristão dotado de valores evangélicos, implicam em dinâmicas que constroem o cidadão capaz de acreditar no seu potencial, de intervir na sua própria vida e na realidade que o cerca e de colaborar na construção de uma sociedade melhor.

A Escola adota um conceito amplo de educação que está assim redigido na atual Proposta Pedagógica: “consiste numa ação integrada de conhecer, provocar e acompanhar o ser humano no processo de seu crescimento em direção à maturidade, no nível físico, psíquico e espiritual e em sua dimensão cognitiva, afetiva e comportamental”. Esse conceito de educação implica também a formação de pessoas que pensem, participem, argumentem e aprendam a lidar com novos problemas. Assim o foco do processo ensino-aprendizagem não é aprender um conteúdo (resultado quantitativo), mas desenvolver processos pelos quais saberá em circunstâncias diversas, buscar conteúdos e também servir-se deles para pensar, argumentar e criar soluções.

Quanto a avaliação, os indicadores de aprendizagem com as menções O (Ótimo), S (Suficiente), P (em Processo), I (Insuficiente) - registrados nos boletins, buscam indicar a situação do aluno em relação a quesitos necessários à boa continuidade de seu crescimento e desenvolvimento. Sempre que o professor percebe que o aluno tem alguma defasagem que o impede ou lhe gera dificuldades para “continuar crescendo”, ele indicará esta situação pela menção P ou I, prontificando-se junto a família, a ajudar o aluno através de atividades de recuperação e plantões acerca dos conteúdos nos horários contrários às aulas.

A escola é bem conservada tanto na parte interna dos blocos, quanto na externa, muito limpa e organizada. A escola possui lanchonetes dentro dos blocos e fora, além de um restaurante, que serve almoço aos funcionários, pais e alunos. A escola conta com uma biblioteca, que fica situada no bloco C, e disponibiliza livros, filmes, CD's, fitas de vídeo, DVD's informativos sobre diversos assuntos para consulta e empréstimo aos alunos. Existem também uma capela, salão de eventos, auditório, laboratórios de física, química, biologia e oficina de arte. As salas de aulas são espaçosas, bem arejadas e limpas.

Cada bloco possui salas para os professores, organizadas com mesa, sofás, armários, TVs e computadores. Percebe-se dentro da escola várias áreas de lazer, como quadras, parques de areia, parque rústico, horta, lagunhos, uma fazendinha, onde ficam diversos animais como coelhos, pavão, patos, avestruz, porcos, cavalos entre outros, e acesso a uma mata ciliar que também faz parte da propriedade da escola. Além disso, a escola possui também um centro esportivo, que oferece várias atividades como xadrez, balé, natação, judô, capoeira entre outras modalidades. Para os portadores de necessidades especiais a escola é

equipada com rampas e banheiros especiais. Quanto ao material escolar utilizado percebe-se que são de boa qualidade, geralmente o livro e caderno e alguns materiais coletivos são entregues no primeiro dia de aula e os demais ficam na mochila da criança.

O estágio foi realizado na Educação Infantil e 1º ano. A educação infantil é coordenada pela supervisora educativa e conta com orientação educacional e coordenação pedagógica. Além disso, o Bloco A possui em seu corpo docente 25 professoras e 25 auxiliares, além dos professores de música, psicomotricidade, Mind Lab, Educação Religiosa e Inglês.

O estágio foi realizado em uma turma de infantil 4 do turno vespertino, com 25 alunos. A sala é bastante ampla e arejada e conta com mesas para professora e auxiliar, 4 mesas com 6 lugares para as crianças, escaninhos para as atividades, armário para a professora, e armários e caixas para os brinquedos e materiais lúdico-pedagógicos.

No início do ano a turma contava com uma professora regente e uma professora auxiliar. Porém a professora regente se afastou da turma logo no início do ano devido à licença maternidade e a professora auxiliar, já formada, assumiu a turma como regente, acompanhando a turma durante a maior parte do ano letivo e estabelecendo fortes vínculos afetivos com as crianças da turma, que gostavam muito dela. No final de julho, após o retorno das férias, eu fiquei na turma por duas semanas, as crianças eram muito dóceis e carinhosas, e no tempo em que fiquei criei vínculo afetivo rapidamente com elas. Na segunda semana de agosto a professora voltou da licença e retornou a turma como regente, de forma que a professora que acompanhou a turma até então teria que voltar a ser auxiliar, porém por motivos pessoais preferiu se afastar da escola. Dessa forma eu permaneci como auxiliar da turma junto com a professora regente no início do ano.

As crianças sentiram muito a saída da professora que havia ficado com eles, o que gerou uma indignação por parte dos pais, que aumentou mais ainda quando as crianças passaram a rejeitar a professora regente, por esta muitas vezes trata-las com grosseria, gritando e permanecendo-se distante das crianças no que diz respeito a uma relação afetiva. Muitos pais procuraram a coordenação para reclamar da postura da professora, mas não obtiveram resposta. Eu já conhecia todos os pais das crianças pelo período que havia ficado na turma e perceberam que as crianças, na hora da entrada, me procuravam, me abraçavam e se identificavam comigo, o que amenizou a situação.

Com a entrada da antiga professora regente o perfil da turma mudou rapidamente. As crianças que eram carinhosas, participativas, compreensivas com a professoras e uns com os outros, tornaram-se mais agressivas, impacientes, inquietas. A forma como a professora atual

trabalhava divergia muito da forma como a professora antiga trabalhava. A professora não fazia rodinha no início da aula, não fazia oração antes do lanche, não cantava músicas com as crianças e dificilmente explicava e realizava as atividades como estava no planejamento. Dessa forma houve uma quebra de rotina, o que pode justificar a agitação das crianças.

A rotina das crianças na escola se inicia 13h, horário de entrada, onde as crianças ficam com a professoras auxiliares nas salas até 13:40, que é horário da oração no pátio com todas as turmas da educação infantil. Todos os dias ocorre a oração, feita alternadamente pelas professoras e a equipe da pastoral. As crianças cantam e fazem a oração do anjo da guarda, e na sexta hasteiam a bandeira do Brasil e cantam o Hino Nacional no momento cívico. Ao término da oração as crianças vão para a sala com a professora auxiliar e regente. As atividades realizadas na sala são feitas através de um rodizio, que é obrigatório para todas as turmas da educação infantil: são 4 mesas com 6 lugares de forma que em cada mesa tem uma atividade, normalmente duas com atividades do livro ou caderno, uma com desenho livre e outra com algum jogo ou brinquedo, e conforme as crianças vão terminando, vão trocando de grupo até que todas tenham realizado todas as atividades propostas. Ao longo da semana as crianças possuem aulas extras: na segunda possuem aula de inglês, na terça de psicomotricidade, na quarta de música e mind lab (jogos educativos de tabuleiro ou no tablet – é a única aula extra que as auxiliares não acompanham) e na quinta de ensino religioso. Na sexta feira é o dia do brinquedo, as crianças levam brinquedos de casa para brincarem na escola. O lanche é realizado as 15:30 e sempre levamos as crianças ao banheiro antes e depois do lanche, e em seguida as deixamos brincar no pátio. O horário de saída das crianças é as 17:50, de forma que as crianças ficam na sala com a professora auxiliar até 18:30 e em seguida são encaminhadas para a guarita, fora do bloco A, um prédio que fica próximo a entrada da escola, onde as crianças ficam esperando pelos pais acompanhadas das auxiliares até as 19h. Caso fiquem crianças após esse horário, ligamos para os pais para informar que a partir daquele horário todas as auxiliares vão embora e as crianças ficam apenas com os porteiros. É cobrado um valor por minuto para as crianças que vão para a guarita, mas mesmo assim muitas crianças ficam.

As observações começaram na semana da criança. No primeiro dia elas participaram de um circuito molhado no parque da escola, onde havia um tobogã de lona para escorregarem e depois deveriam passar pela ponte que estava cheia de elásticos enquanto os professores jogavam água nelas com a mangueira. Foi um momento muito divertido e importante para a criação de vínculos afetivos com as crianças, porém a oportunidade não foi

aproveitada pelas professoras regentes que ficaram conversando entre si enquanto as auxiliares participaram e brincaram com as crianças.

No dia seguinte as crianças vieram fantasiadas e houve um show para elas no salão de eventos com a banda da escola, que cantou diversas músicas infantis. As crianças cantaram, dançaram e foi um momento muito descontraído onde todas as professoras participaram, subiram no palco com as crianças e de muita interação entre as crianças e funcionários da escola, inclusive da equipe pedagógica que também participou.

No último dia da semana da criança houve um festival de sorvete, porém a professora permitiu que dois professores de aula extra entrassem em sala para realizarem atividades com as crianças, cada um ficou em uma mesa chamando as crianças, enquanto tentávamos distribuir os sorvetes. As crianças ficaram confusas e agitadas, não sabiam qual atividade já haviam feito, as atividades não foram explicadas para elas e foram feitas com pressa pelos professores, que por vezes pegaram na mão das crianças para que fizessem mais rápido. Acredito que foi um momento perdido, pois uma atividade feita dessa forma não tem nenhum significado para a criança, e além disso era um momento de descontração, com o festival de sorvete, que também perdeu seu significado.

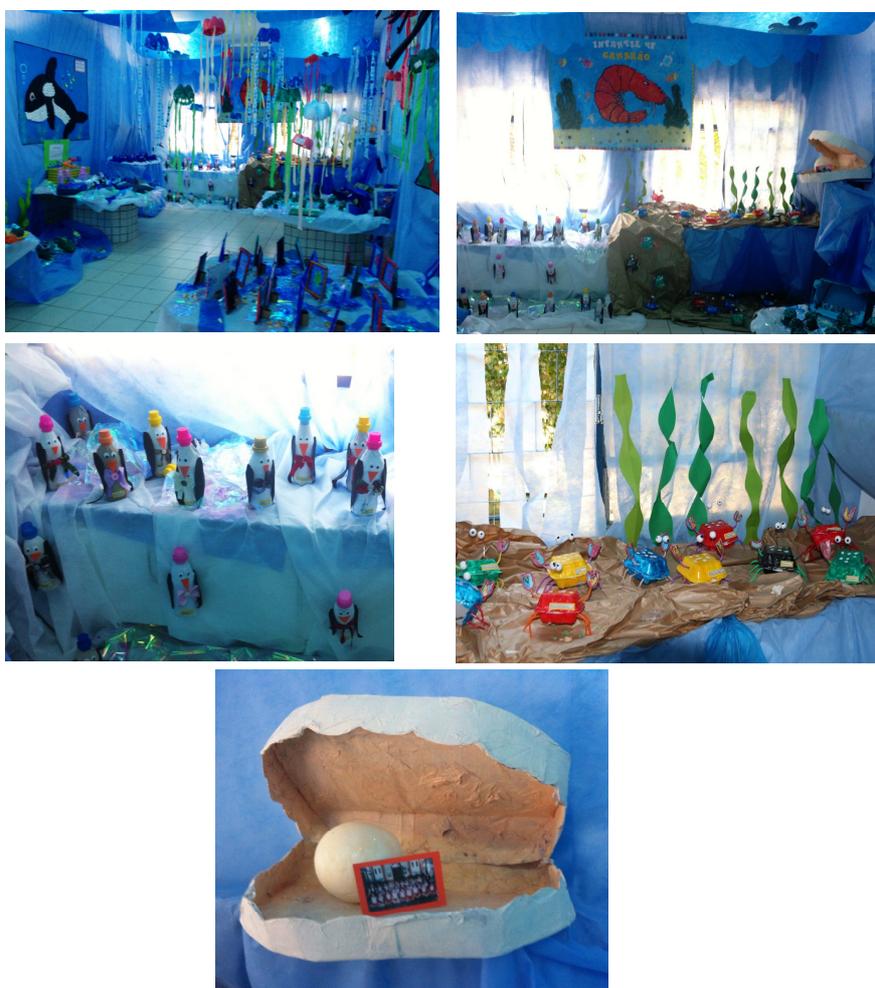
Nesse período a escola encontra-se em um momento de preparação para a Mostra Cultural, que traz o tema da Campanha da Fraternidade: Eu vim para servir, com foco no cuidar melhor do nosso planeta. A educação infantil ficou responsável por tratar da temática “Conhecendo e preservando a água”. O infantil 4F ficou responsável por explorar animais aquáticos de forma que a turma deverá realizar 2 trabalhos individuais, um pinguim feito com garrafa PET e um siri feito com isopor, e 2 trabalhos coletivos, uma ostra e um camarão, que serão apresentados em um stand na Mostra Cultural para as famílias, junto com um livro, confeccionado por cada criança, contando uma história sobre a preservação da água. Além da história, o livro trará curiosidades e cada aula extra terá uma página com uma atividade relacionada a aula. Com esses preparativos todas as aulas ficaram voltadas para a realização desses trabalhos, de forma que a professora e professores de aula extra estavam totalmente voltados para a confecção dos livros e dos trabalhos.

Os dias foram muito corridos e as crianças estavam muito agitadas, houve uma quebra de rotina ainda maior devido a confecção dos trabalhos, que foram feitos na maioria das vezes com muita pressa. Em quase todas as aulas as crianças ficavam brincando enquanto os professores chamavam um por um para a confecção das páginas do livro.

A Mostra Cultural aconteceu no dia 24 de outubro no período da tarde. Cada turma possuía um stand em algum local do Bloco A, onde estavam expostos os trabalhos feitos por

cada criança e coletivamente pela turma. Os stands foram divididos por turma, o infantil e em um espaço, o 4 em outro, o 5 em outro e o 1º ano em outro. Além disso, houve também a tarde de autógrafos, onde as crianças assinaram os livros confeccionados por elas. Foi um momento muito importante de interação entre a escola e as famílias. Tivemos oportunidade de estar em contato com os pais, que ficaram encantados com os trabalhos realizados pela turma.

Imagem 5. Stand e materiais construídos para a Mostra Cultural



Fonte: da autora

Com o termino da Mostra Cultural o foco voltou para os conteúdos, porém a professora continuou sem fazer a rodinha no início da aula e poucas foram às vezes que trabalhou utilizando o método do rodízio, mesmo que seja obrigatório para todas as turmas da

educação infantil. Percebi que as crianças sentiram falta na rodinha após o feriado de 2 de novembro, pois haviam muitas novidades para contar e não tiveram espaço para isso. Nos dias observados, a professora revisou com as crianças as palavras do vocabulário básico aprendidas do começo do ano até então (sol, nuvem e céu), revisou os numerais de 1 ao 8 e introduziu o numeral 9 utilizando brinquedos para que as crianças fizessem a contagem e ensinando o movimento correto do 9 no quadro e pedindo que as crianças repetissem com o dedo, fazendo em seguida atividades. Além disso, a professora realizou com as crianças um bingo com os numerais, a fim de recapitular a contagem dos números já aprendidos, e atividades de desenho livre, que no fim do ano são reunidas a fim de avaliar o desenvolvimento do grafismo de cada criança. Na maioria dos dias levamos as crianças para o parque no fim da tarde. Em um dos dias o diretor apareceu com comida para os peixes do laguinho e distribuiu para as crianças jogarem no lago e colheu acerolas com as crianças. Achei muito legal essa interação entre o diretor e as crianças, que gostam muito dele. Além disso, é muito importante na educação infantil esses momentos em que é possível estar em contato com a natureza.

Nas aulas extras alguns professores retomaram os conteúdos. A professora de inglês trabalhou as palavras “day” e “sun”, professor de psicomotricidade montou circuitos na sala dele com colchonetes, brinquedos, para pularem e darem cambalhotas, professor de ensino religioso passou filme para as crianças, e a professora de música em uma das aulas passou filme e na outra realizou uma atividade com as crianças confeccionou a capa para as atividades de música realizadas ao longo do trimestre.

Na última sexta feira do mês aconteceu a comemoração dos aniversariantes do mês. Os pais levaram bolo e salgadinho e cantamos parabéns na hora do lanche. A lembrancinha dos aniversariantes é confeccionada pelas professoras, um cofrinho e porquinho feito com garrafa pet e EVA.

O planejamento da escola é mensal e é feito alternadamente pelas professoras da manhã e da tarde. Foi permitido a realização da regência, porém desde que fosse seguido o planejamento já elaborado pelas professoras. A professora regente explicava o conteúdo a ser trabalhado e eu ministrava as situações de ensino aprendizagem.

No primeiro dia de regência de aula introduzi para as crianças o conceito de densidade, fazendo com elas uma experiência. Primeiramente expliquei na rodinha a diferença entre peso e densidade utilizando uma balança para pesar os objetos. Posteriormente enchi uma caixa transparente com água e pedi para que as crianças escolhessem objetos na sala para colocarmos na água e vermos se estes afundariam ou boiariam. Levei alguns objetos

propositalmente como o grampo de cabelo e o giz de cera que são pequenos e leves mas afundam e dei o exemplo dos barcos e navios, que são objetos grandes e pesados mas que boiam na água. As crianças ficaram muito animadas com a experiência, participaram e apostavam entre si qual objeto boiaria ou afundaria. Em seguida as crianças sentaram nas mesas e realizei o rodízio, onde em um grupo tinha quebra-cabeça, em outro desenho livre, em outros livros para as criações “lerem” e o quarto grupo com o caderno de desenho onde as crianças deveriam fazer um registro da experiência.

No segundo dia introduzi uma nova palavra ao vocabulário básico: chuva. Na rodinha escutamos juntos a música “chuva, chuveiro e chuvarada” e depois conversamos sobre a chuva, quem gostava de chuva, quem tinha medo, se tem cheiro, se alguém já tomou banho de chuva. Em seguida fizemos uma revisão das palavras já estudadas no quadro. Escrevi o nome de cada palavra e o desenho que a representava. Depois escrevi bem grande a palavra chuva no quadro, fazendo também o desenho. Em seguida fiz o rodízio: em um grupo as crianças escolheram os livros da ciranda da leitura para levar pra casa na pasta junto com uma atividade de casa sobre receita, em outro havia legos, em outro o caderno de desenho para ilustrarem a palavra chuva e em outro a professora pediu que fosse feita uma atividade sobre contagem. Coincidentemente no final da tarde choveu, então levei as crianças para o pátio para verem e sentirem com a mão a chuva. Elas gostaram muito.

No terceiro dia deveríamos montar o mural que fica do lado de fora da sala. Como foi trabalhado com as crianças no dia anterior uma revisão das palavras já estudadas e a palavra chuva havia sido introduzida tive a ideia de fazer o mural sobre o vocabulário básico. Então fiz a rodinha com as crianças, conversando sobre a atividade que havia ido para casa lendo a receita escolhida por cada criança e escrita na atividade com a ajuda da família e, em seguida, expliquei para elas que faríamos o mural com as palavrinhas do vocabulário básico. Juntos desenhamos no papel pardo um céu, um sol, uma nuvem e a chuva. Em seguida as crianças sentaram nos grupos para decorar com desenhos com tecido e cola colorida.

No quarto dia trabalhei com as crianças os números de 1 a 10. Coloquei na rodinha as plaquinhas com os números foram de ordem e pedi que as crianças me ajudassem a coloca-los na ordem correta. Em seguida peguei vários gizes de cera e ia colocando em cima das plaquinhas, as crianças contavam as quantidades junto comigo e quando alcançamos a quantidade do número elas pediam para parar de colocar. Em seguida as crianças realizaram uma atividade sobre contagem. A realização da atividade não foi em rodízio pois a professora pediu que fosse dada a atividade para todos, pois logo em seguida haveria aula de mind lab e

poderia não dar tempo. Mas mesmo assim a atividade foi proveitosa e tive a oportunidade sentar com as crianças que possuíam mais dificuldade nos números para auxiliá-las.

No quinto dia contei para as crianças na rodinha a história dos três porquinhos com fantoches. Elas adoraram. A contação de histórias é muito importante na educação infantil. Após terminar a história deixei que as crianças assumissem os papéis dos personagens e os representassem com os fantoches recontando a história. Foi muito divertido, as crianças criaram novos começos e novos finais para a história conforme sua imaginação. Em seguida fiz o rodízio: um grupo com alinhavo, outro com os fantoches da história para as crianças continuarem brincando, outro com legos e o último com a ficha de atividade sobre a história dos três porquinhos.

No sexto dia trabalhei com as crianças alimentação saudável. Escutamos a música sopa da Palavra Cantada e depois desenhei no quadro os alimentos que apareciam na música e fomos analisando quais eram saudáveis e quais não eram. Em seguida fiz o rodízio com uma ficha sobre alimentação saudável, lego, livros para leitura e massinha para a modelagem de alimentos saudáveis.

Nas aulas extras os professores continuaram trabalhando conteúdos. O professor de ensino religioso trabalhou em uma aula a amizade, fazendo uma dinâmica, onde as crianças vendadas tentavam acertar de qual amigo era a voz que falava, e em outra aula trabalhou as diferenças, levando para as crianças dois bonecos cadeirantes e abordando os diferentes tipos de necessidades especiais. O professor de psicomotricidade fez um a atividade que incentivava o trabalho coletivo, uma corrida, onde a turma dividida em grupos deveria passar por um percurso, e grupo no qual todas as crianças do grupo passassem primeiro ganharia. A professora de música passou filme para as crianças e enviou para casa uma atividade junto com um chocalho de garrafa PET confeccionado pelas crianças no trimestre anterior.

Observa-se durante as aulas que há pouco espaço para trabalhar questões transversais como a afetividade. O compromisso com o currículo e com os planejamentos esgotam a disposição dos professores, que muitas vezes tornam-se sem paciência e pouco afetivos com as crianças. Esse aspecto é negativo, pois trata-se de uma turma de educação infantil, com crianças de quatro anos, que precisam de pontes para o conhecimento, sendo uma dessas pontes a construção de vínculos de afeto, carinho, respeito e confiança com os professores, o que atrai a atenção das crianças para a aprendizagem dos conteúdos. Além disso, os poucos momentos propícios para se trabalhar a afetividade, são deixados de lado pelos professores, que optam sempre pela postura de distanciamento e certo autoritarismo.

A experiência nessa escola foi válida no sentido de enxergar como o afeto pode favorecer o estabelecimento de uma relação extremamente produtiva entre professor e aluno, e como a ausência deste pode afetar os processos de ensino-aprendizagem, de forma que os alunos, como sujeito ativos de seus processos formativos, não se mostram completamente abertos, solícitos e confiantes para a aquisição e desenvolvimentos de certos conteúdos e habilidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste estudo foi refletir sobre a importância da afetividade para a consolidação dos processos de ensinar e aprender. A partir da sistematização de conceitos acerca da afetividade dos processos de ensino e aprendizagem e da educação infantil foram contextualizadas experiências em um ambiente escolar formal e em um ambiente não escolar, com a finalidade de destacar nas práticas pedagógicas de ambos os espaços momentos propícios a afetividade, e os impactos que esta pode causar nos processos de ensinar e aprender.

A presença do afeto no cenário pedagógico é de fundamental importância. É necessário que cada criança seja vista e tratada como pessoa única, respeitada na sua singularidade, nas suas aptidões, e também em suas limitações, tendo seu ritmo e limites respeitados. Quando a criança é reconhecida como indivíduo e como ser humano, sendo tratada com afeto e carinho, estabelecendo vínculos afetivos com todos aqueles que lhe cercam, sente-se segura, confiante para expressar suas emoções, vontades, pensamentos, medos, inseguranças, tomar decisões, atitudes, se impor, resolver seus conflitos, ou seja, sente-se um ser autônomo. E através dessa autonomia a criança poderá desenvolver-se de forma positiva, com autoestima, sentindo-se capaz de aprender, se relacionar, se comunicar e fazer escolhas. A experiência foi muito gratificante e enriquecedora na minha formação acadêmica. Durante o curso entramos em contato com muitas teorias e metodologias de diversos autores, e o estágio nos permite estar em um ambiente pedagógico, o que nos permite analisar a teoria e associa-la à prática.

As observações realizadas durante todo o estágio, o funcionamento da escola, suas propostas de ensino, a rotina pedagógica dos professores e funcionários nos levaram a concluir que as instituições dispõem de materiais de boa qualidade para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos que são utilizados de acordo com cada nível de ensino. O ambiente possui ótima estrutura, sempre muito limpo e organizado. Os alunos são levados a vivenciar cada aprendizagem, ou seja, eles aprendem muito na prática.

Como se constata com esta pesquisa, o afeto está sempre presente na relação entre professor e alunos, alunos e alunos. E as práticas pedagógicas, de base construtivista, tem sido permeada de afeto possibilitando, pela ludicidade, aprender brincando e numa relação de afeto pautada pelo respeito e valorização do outro. Entendemos que o afeto se configura como o ato sensível do processo educativo, seja no ambiente escolar ou não escolar. Os resultados apontam que o afeto está sempre presente na relação entre professor e alunos, alunos e alunos. E as práticas

pedagógicas, de base construtivista, têm sido permeadas de afeto mediado pela ludicidade com o aprender brincando e numa relação de afeto pautada pelo respeito e a valorização do outro. Portanto, entendemos que o afeto se configura como o ato sensível do trabalho educativo, seja no ambiente escolar ou não escolar.

5.1 Perspectivas Profissionais

Cursar Pedagogia na Universidade de Brasília sempre fez parte dos meus objetivos, assim como desde pequena sonhei com a minha sala de aula e a minha vida como professora. Agora que essa etapa se conclui novos caminhos e horizontes se abrem para a construção de um futuro profissional que abarque todas as experiências adquiridas durante a formação acadêmica.

Futuramente pretendo trabalhar como professora de educação básica em escolas particulares ou públicas, de acordo com a disponibilidade de concursos. Além disso, planejo fazer pós-graduação nas áreas de psicopedagogia e orientação educacional, as quais me interessam bastante. Por gostar muito da área de educação ainda penso em outras graduações que possam ampliar minha atuação profissional, como graduação em história ou biologia.

Acredito que atualmente, apesar da constante desvalorização, o mercado de trabalho tem a necessidade de professores interessados, dispostos, preparados para lidar com esse processo que é tão importante na nossa sociedade. Porque educação é sim amor, mas também exige imensa responsabilidade e profissionalismo. E é neste sentido que eu pretendo seguir minha trajetória como pedagoga. E é neste sentido que meus futuros alunos podem contar comigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa & projeto de pesquisa**: Escolhendo entre cinco abordagens. 3. Ed. Tradução de Sandra Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Pensp, 2014. pp. 67-109

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2003.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação, políticas públicas e Educação**. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

GREENBERG, L. S.; RICE, L.N.; ELLIOT, R. **Facilitando el cambio emocional**: el proceso terapéutico punto por punto. Barcelona: Paidós, 1996.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. (tradução de Paulo Quintela). Lisboa: Edições 70, 1960.

OLIVEIRA, Ivone M. **O sujeito que se emociona**: signos e sentidos nas práticas culturais. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de Campinas. Campinas, 2001.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência**. Tradução de Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2014.

SILVA, N.P. **Entre o público e o privado: um estudo sobre a fidelidade à palavra empenhada**. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Cap. 2: Conceito, tipos e características da pesquisa qualitativa.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, H. A atividade proprioplástica. In: NADEL-BRULFERT J. & WEREBE, M.J.G. **Henri Wallon** (antologia). São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A evolução psicológica da criança**. Tradução de Cláudia Berliner, São Paulo: Martins Editora, 2007.

_____. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1981.

[Office2] Comentário: Inserir referência.

